



VERDE-OLIVA

Exército Brasileiro

Brasília-DF • Ano XLII • Nº 225 • Outubro 2014

Centro de Comunicação Social do Exército

CENTRO DE INSTRUÇÃO DE GUERRA — NA — SELVA



50 Anos

Ainda nesta edição:

- Criação do Comando Militar do Norte
- 100 Anos da 1ª Guerra Mundial
- As Obras do Aeroporto de São Gonçalo do Amarante

ISSN 2178-1265



PROGRAMA MEU 1º IMÓVEL

O primeiro passo para a conquista da sua casa própria

Para militares de carreira do Exército e seus pensionistas participantes do Fundo de Apoio à Moradia (FAM) que não são e nunca foram proprietários, promitentes compradores, usufrutuários ou cessionários de imóvel financiado ou quitado em qualquer localidade do território nacional.

Aquisição ou Construção de Imóvel Residencial

	FAIXA I	FAIXA II
Valor do imóvel	Até R\$ 250 mil	Acima de R\$ 250 mil até R\$ 500 mil
Juros nominais	6,95% a.a. ⁽¹⁾ ou 7,25% a.a.	7,95% a.a. ⁽¹⁾ ou 8,25% a.a.
Valor do financiamento até 90%* do valor do imóvel limitado a ⁽²⁾	R\$ 225 mil	R\$ 450 mil
Prazo máximo	30 anos	

* No Sistema de Amortização Constante (SAC)

Forma de pagamento: consignação obrigatória em folha de pagamento.

(1) Para detentores de Poupança POUPEX Salário.

(2) Considerando o menor dos dois valores: avaliação ou compra/venda.

A FHE disponibiliza outras linhas de financiamento, em condições especiais, para aquisição, construção e compra de material de construção.



Conheça as condições no site
fhe.org.br/meu1imovel

MAIS INFORMAÇÕES: 0800 61 3040



Editorial

VERDE-OLIVA – ANO XLII • Nº 225 • OUTUBRO 2014

Prezado leitor,

Esta edição da Revista Verde-Oliva está mais que especial. Dentre os textos apresentados, trazemos informações sobre esta que, há cinquenta anos, foi uma iniciativa ímpar do Exército Brasileiro: a criação do Centro de Instrução de Guerra na Selva – o CIGS.

Na sequência de matérias sobre a Guerra na Selva, abordamos aspectos como o surgimento do Centro, entrevistas com militares que estiveram envolvidos nas primeiras ações do CIGS, a preocupação daquela Instituição – hoje considerada a melhor de seu gênero no mundo – com a preservação ambiental, além de apresentar informações sobre os projetos socioambientais, socioculturais e de pesquisa desenvolvidos.

Apresentamos também a nossos leitores, a mística do Guerreiro de Selva, com seus procedimentos, seus símbolos e alguns dos mistérios que envolvem sua formação e o Curso de Operações na Selva.

Como parte dos procedimentos de proteção e defesa da Amazônia brasileira, o Exército, coerente com a proposta iniciada há cinquenta anos, criou o Comando Militar do Norte. Com isso, o Brasil amplia suas ações também à Amazônia oriental.

Como parte da História, apresentamos um artigo sobre o Forte de Coimbra, edificação militar situada às margens do rio Paraguai que, desde sua criação, em finais do século XVIII, defende a fração brasileira do pantanal e nossas fronteiras na região.

Neste ano em que rememoramos os 100 anos da eclosão da I Guerra Mundial, também chamada de Guerra de Trincheiras, apresentamos um artigo sobre as contribuições que foram acrescidas à Arte da Guerra. Com tais mudanças em mente e visando inovar seus processos de ensino-aprendizagem, a Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas nos oferece um artigo, no qual expõe aspectos das novas tecnologias empregadas para aumentar a excelência profissional do sargento combatente do Exército Brasileiro.

As novas tecnologias, entretanto, não se resumem a teorias. E o artigo sobre as novas aeronaves HM-4 Caracal mostram bem que teoria e prática seguem juntas no Exército Brasileiro. O artigo aborda as possibilidades e limitações dessas novas aquisições da Força, ora em fase de implantação no 1º Batalhão de Aviação do Exército.

Ao vagar pela leitura deste número da Revista Verde-Oliva, o caro Leitor encontrará artigos sobre o Colégio Militar de Belo Horizonte, sobre as obras de infraestrutura realizadas pela Força Terrestre no Aeroporto de São Gonçalo do Amarante (Natal/RN), sobre a extinção da saudosa 12ª Companhia de Guardas e imagens sobre o Desfile Cívico-Militar de Sete de Setembro pelo Brasil.

Fechando esta edição de tanta mística, história e lembranças, apresentamos, como Personagem de Nossa História, o Coronel **Jorge Teixeira** – o **Teixeirão** – responsável pela concepção e criação do Centro de Instrução de Guerra na Selva.

A aquisição de novos equipamentos e tecnologias avançadas nada representará se nosso passado e as lições com ele aprendidas não forem preservadas. Que sua leitura seja de muitas lembranças e de inspiração para o futuro.

Faça bom proveito.


Gen Bda Otávio Santana do Rêgo Barros
Chefe do CCOMSEx

PUBLICAÇÃO DO CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO (CCOMSEx)

Chefe do CCOMSEx:
Gen Bda Otávio Santana do Rêgo Barros

Subchefe do CCOMSEx:
Cel Cav QEMA Nilson Kazumi Nodiri

Chefe de Produção e Divulgação:
Cel Inf QEMA José Herculano Azambuja Junior

CONSELHO EDITORIAL
Cel Art QEMA Valdir Câmpelo Junior
Cel Inf QEMA José Herculano Azambuja Junior
Cel R/1 Jefferson dos Santos Motta

SUPERVISÃO TÉCNICA
Cel R/1 Jefferson dos Santos Motta

REDAÇÃO
Maj QCO Maurício Infante Mendonça

PROJETO GRÁFICO

1º Ten QCO Karla Roberta H G Moreira
1º Ten QAO Adm G Osmar Leão Rodrigues
2º Ten QAO Adm Valmir José Kerkhoven
1º Sgt Inf Djalma Martins
1º Sgt Art Juliano Bastos Cogo
2º Sgt Inf Fabiano Mache
Sd Igor Henrique Kukulka de Mendonça

DIAGRAMAÇÃO

1º Sgt Art Juliano Bastos Cogo

COORDENAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO
Centro de Comunicação Social do Exército

IMPRESSÃO

Oliveira & Nunes Gráfica Ltda - ME,
QSA 25, Lt 01, Sala 203, Taguatinga Sul,
Taguatinga-DF
CEP 72.015-250 – Tel. (61) 3562-3554
graficaescaladfi@gmail.com

PERIODICIDADE
Trimestral

TIRAGEM

30.000 exemplares – Circulação dirigida
(no País e no exterior)

FOTOGRAFIAS

Arquivo CCOMSEx
Bruno Zanardo

JORNALISTA RESPONSÁVEL

1º Ten QCO Rômulo Teixeira Farias

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Quartel-General do Exército – Bloco B – Térreo
70630-901 – Setor Militar Urbano – Brasília/DF
Telefone: (61) 3415-4673 – Fax: (61) 3415-4399
redacao@ccomsex.eb.mil.br

Disponível em PDF na página eletrônica:

www.eb.mil.br

NOSSA CAPA

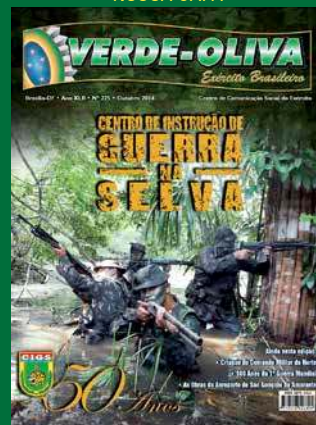


Imagem: Bruno Zanardo

É permitida a reprodução de artigos, desde que citada a fonte, exceto de matérias que contiverem indicação em contrário.



Sumário

Foto: 2ºSgt Fabiano Mache/CCOMSEx

Acompanhe nesta Edição

- 06 HÁ 50 ANOS
- 08 O CENTRO DE INSTRUÇÃO DE GUERRA NA SELVA
- 14 ASPECTOS DO CENTRO DE INSTRUÇÃO DE GUERRA NA SELVA
- 20 O CURSO DE OPERAÇÕES NA SELVA
- 23 ENTREVISTAS COMEMORATIVAS: 50 ANOS
- 29 O CINQUENTENÁRIO DO CENTRO DE INSTRUÇÃO DE GUERRA NA SELVA
- 33 VISITA DA SECRETÁRIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS AO CMBH
- 34 7 DE SETEMBRO PELO BRASIL
- 36 COMANDO MILITAR DO NORTE: AMAZÔNIA ORIENTAL PROTEGIDA
- 41 AS CONTRIBUIÇÕES DA 1ª GUERRA MUNDIAL PARA A ARTE DA GUERRA
- 47 NOSSAS OM: 12ª COMPANHIA DE GUARDAS
- 50 AS NOVAS TECNOLOGIAS E A EDUCAÇÃO MILITAR: INOVAÇÕES NO PROCESSO EDUCACIONAL DA ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE SARGENTOS DAS ARMAS
- 54 AS NOVAS AERONAVES CARACAL HM-4 (EC 725)
- 58 FORTÉ DE COIMBRA – UMA FORTALEZA NO PANTANAL
- 63 AS OBRAS DO AEROPORTO DE SÃO GONÇALO DO AMARANTE
- 66 PERSONAGEM DA NOSSA HISTÓRIA: CORONEL JORGE TEIXEIRA DE OLIVEIRA



20



08



14



29



36



Espaço do Leitor

redacao@ccomsex.eb.mil.br

“Meu nome é **Giovane Silveira Gomes** e tive a honra de servir o Exército Brasileiro na Academia Militar das Agulhas Negras, durante seis anos, dez meses e três dias, chegando à graduação de Cabo Engenheiro. É com muita saudade que relembro os tempos de caserna, onde aprendi valores que jamais encontrei na vida civil. Orgulho-me de um dia ter me revestido do verde-oliva; de ter tirado serviço; de ter participado de formaturas; de ter passado semanas no campo, auxiliando na preparação das instruções para os nossos Cadetes; de até mesmo ter sido chamado a atenção por meus superiores quando necessário e orgulho-me de parar e render culto ao Pavilhão Nacional. Quantas saudades do meu Exército! Muito obrigado por tudo, sempre te honrarei e te defenderei! Hoje, estou me formando em Direito e após nove anos de desligamento, eu me sinto como se ainda lá estivesse, pois carrego comigo o velho espírito de Soldado, porque uma vez Soldado sempre Soldado. Agradeço à Revista Verde-Oliva por me manter conectado ao meu Exército. Respeitosamente,

Cabo Gomes

“A Revista Verde-Oliva nos traz os brilhantes exemplos do Coronel Nestor, as lembranças de Frei Orlando, informações sobre lugares históricos e de vários outros assuntos de interesse geral. Gostaria de ter acesso a esta revista, mesmo que seja por e-mail. Sou militar reformado e é difícil conseguí-la em alguma organização militar. Obrigado,

Amintas Pereira

“Pela grandeza das informações que constatei ao ler a Revista Verde-Oliva nº 217, de junho de 2013, venho respeitosamente verificar a possibilidade de receber outros exemplares em minha residência na cidade de São Bernardo do Campo (SP). Ficarei eternamente grato e vou repassá-las aos meus filhos, em memória de meu falecido pai, herói de guerra da Revolução de 1932. Muito obrigado,

Arioval Moreira da Rocha

Prezado Leitor,

Envie sua opinião (redacao@ccomsex.eb.mil.br) sobre a qualidade de texto, impressão, diagramação e seleção de assuntos publicados na Revista VO. Você receberá uma revista ano 2013 ou 2014 no seu endereço residencial.

Equipe Verde-Oliva

“Como faço para adquirir a Revista Verde-Oliva? Tenho algumas edições que são antigas e gostaria de receber mais notícias sobre o Exército Brasileiro. Sou ex-combatente e, em 2003, servi no 33º Batalhão de Infantaria Motorizado, em Foz do Iguaçu (PR). Atualmente, moro em Cascavel (PR). Atenciosamente,

Diego
Cascavel (PR)

“Acuso o recebimento de exemplares da Revista Verde-Oliva e agradeço a atenção que recebi ao meu pedido. Ressalto a qualidade exemplar da impressão e do editorial, o que me faz, mais uma vez, sentir o quanto valeu minha escolha por fazer carreira no nosso sempre querido Exército Brasileiro. Continuem a levar avante o nome de nossa Instituição.

Arnaldo Novaes – Coronel Inf/EM
Pelotas (RS)

“Por intermédio de meu mano, General Gobbato, recebi informações sobre os trabalhos do Exército – instalação de poços artesanais movidos a energia solar no Rio Grande do Norte. Tendo atuado 20 anos na Defesa Civil Federal – SEDEC – e tendo inclusive visitado o nordeste para amenizar problemas na distribuição de água e cestas básicas via pessoal e equipamento do nosso Exército –, posso muito bem avaliar e destacar o valor dessas atividades das obras de cooperação. Abrir ou perfurar poços já é uma dádiva. Agora fazer o sistema funcionar, ou seja, tirar água do poço é uma maravilha. E o que dizer do sistema funcionar com energia solar? É o máximo que um brasileiro, especialmente um nordestino, pode esperar. Na década de 1990, colaborei para que Campo Maior (PI) obtivesse verba a fundo perdido para extrair água de 15 poços abertos pela SUDENE (foram abertos 108 poços pela SUDENE que produziam ZERO de água, pois não havia bombas nem energia elétrica). Na época, foram instaladas motobombas movidas a diesel – e que necessitavam de operador – mas creio que foram os primeiros 15 poços dos 10.000 da SUDENE que efetivamente, realmente, produziram água. Meus parabéns,

Tito Alberto Gobbato – 87 anos – Químico Industrial
Torres (RS)

An aerial black and white photograph showing a long, straight road with dashed white lines running through a dense tropical forest. At the top of the image, a large, light-colored building with multiple wings and a central tower is visible. To the right of the road, there is a cleared, sandy area with a few vehicles parked. The text 'HÁ 50 ANOS' is overlaid in large, bold, olive-green letters across the lower half of the image.

**HÁ
50
ANOS**

Março de 1964. No clima quente e úmido da floresta amazônica, uma clareira se abre em meio às matas da zona oeste de Manaus. A outrora “opulenta capital dos seringueiros”, como fez questão de destacar o jornalista e escritor **Euclides da Cunha**, era um destino perdido na Amazônia brasileira. Há meio século, a luz econômica da borracha se apagara, graças ao recurso de contrabandear sementes da seringueira para a Malásia. O primeiro caso de biopirataria internacional em território brasileiro resultou na ruína da economia no norte do País e jogou toda a região nas gavetas do poder central. Coube aos governos militares criar projetos para reintegrar a região ao restante do País. Dentre as medidas de sucesso, a Zona Franca de Manaus (ZFM) – recentemente prorrogada por mais 50 anos – é o mais visível legado dessa era. Outro destaque, ainda que discreto para alguns, é o Centro de Instrução de Guerra na Selva, o CIGS. Sua criação pelo Decreto Presidencial nº 53.649, de 2 de março de 1964, não foi apenas um ato de gabinete; foi a luta e o sonho de um grupo de abnegados, liderados pelo lendário Coronel **Jorge Teixeira**. Hoje, passados 50 anos de criação da melhor escola de guerra na selva do mundo, junto com ilustres colaboradores e com embasamento no trabalho de autoria do jornalista **Mencius Melo**, a Revista Verde-Oliva conta um pouco do passado, presente e futuro de uma das mais belas páginas da história do Exército Brasileiro.

SELVA!!! 🐾

Foto: Bruno Zanardo



O CENTRO DE INSTRUÇÃO DE GUERRA NA SELVA

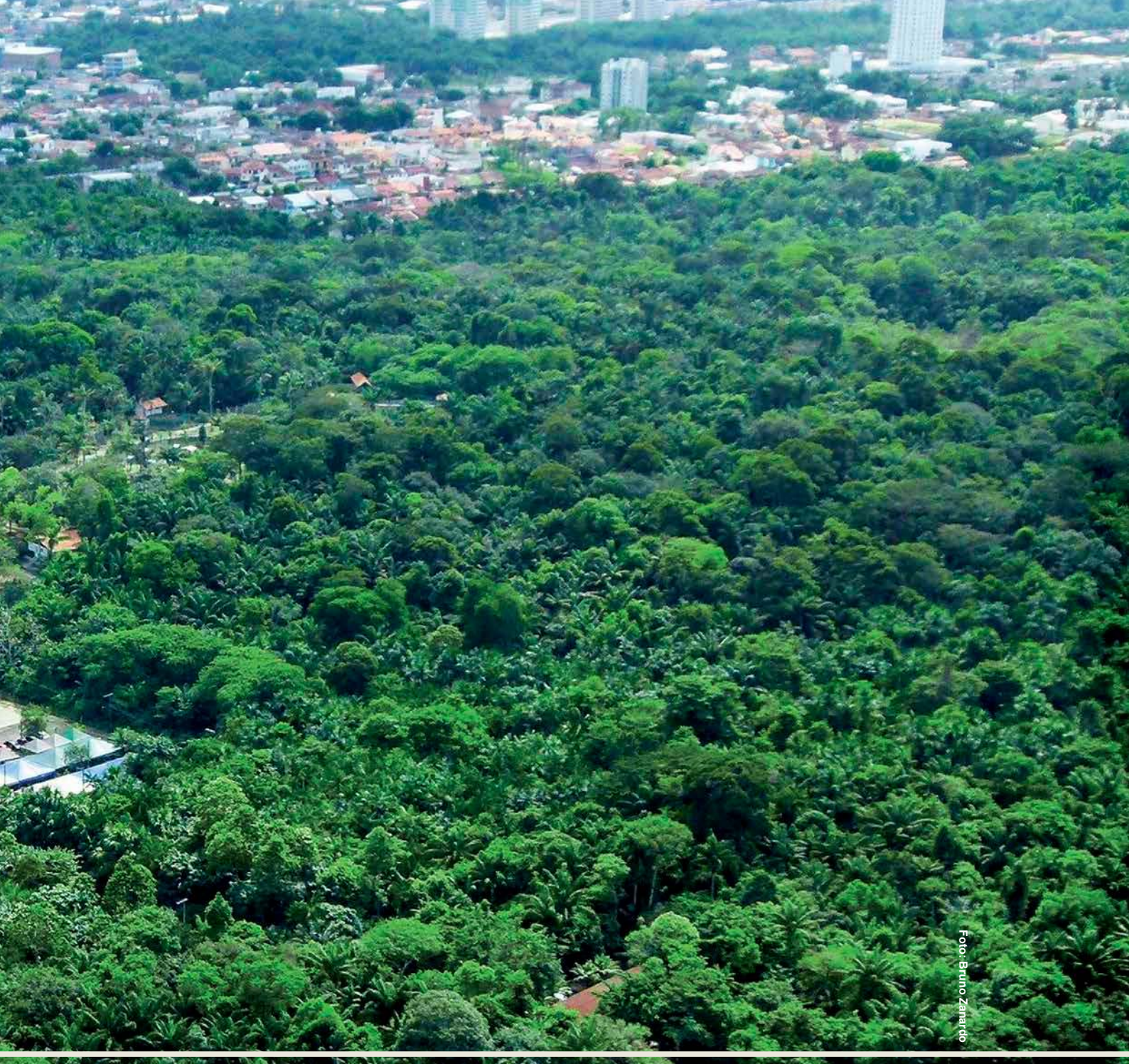


Foto: Bruno Zanardo

Subordinado ao Comando Militar da Amazônia, o Centro de Instrução de Guerra na Selva é um estabelecimento de ensino militar bélico que tem como missão especializar militares no combate na selva, realizando pesquisas e experimentação doutrinárias, para a defesa e proteção da Amazônia.



Foto: Bruno Zanardo

A especialização de militares se dá por meio do Curso de Operações na Selva (COS), considerado como referência nacional e internacional na difusão da doutrina de operações na selva. Como pré-requisito para a matrícula, o militar voluntário é submetido a rigorosos testes físicos, intelectuais e psicotécnicos.

Ao completar 50 anos, o Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS) se orgulha de já ter formado um grande número de militares da Marinha, do Exército, da Força Aérea, da Polícia e dos Bombeiros Militares. Também passaram pelo COS militares estrangeiros de 28 nações amigas, tipo de cooperação que permite maior integração e intercâmbio de conhecimento, além de fortalecer os laços de amizade do Brasil com outros países.

Atualmente, o CIGS está estruturado em Divisões de Ensino, de Doutrina e Pesquisa, de Alunos, Administrativa, de Saúde, de Veterinária, na Companhia de Comando e Serviço, e no Campo de Instrução.

Para cumprir sua missão, o Centro dispõe de um campo de instrução com cerca de 1150 km² de área inteiramente preservada, onde coexistem em perfeita harmonia as instruções de selva juntamente com a fauna e a flora amazônica.

O CIGS administra em Manaus um zoológico, que é o segundo ponto turístico mais visitado da cidade e que recebe em média 120 mil visitantes por ano. Conta com um acervo de 190 animais, muitos dos quais ameaçados de extinção no restante do Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Renováveis (IBAMA). Neste zoológico, são realizados estudos sobre a fauna e a flora da região, em apoio a órgãos de pesquisa, contribuindo para a preservação e a conservação das espécies, dentro de um plano de gestão ambiental.

A primeira turma de Guerreiros de Selva foi formada em 1966, sob o comando do Coronel **Jorge Teixeira**, o “**TEIXEIRÃO**”, como era carinhosamente chamado pelos amazonenses.

Sob sua orientação, “Os Pioneiros” superaram todas as dificuldades inerentes à época e deram ao Centro as melhores condições para o início de suas atividades, que, fruto do amor ao Exército, à Amazônia e ao Brasil, fizeram com que o CIGS fosse paulatinamente obtendo projeção no cenário nacional e internacional, tornando-se, hoje, a melhor escola de guerra na selva do mundo.

Atualmente, alinhado com a Estratégia Nacional de Defesa e seguindo as diretrizes e orientações do Comandante do Exército e do Comandante Militar da Amazônia para a transformação da Força Terrestre, os integrantes do CIGS trabalham diuturnamente para atingir níveis operacionais cada vez mais elevados.

Histórico

O CIGS foi criado pelo Decreto Presidencial Nº 53.649, de 2 de março de 1964. A partir daquela data, tiveram início os trabalhos para a instalação desse estabelecimento de ensino na distante e inóspita cidade de Manaus, considerada por muitos militares como “local de castigo”. Nessa empreitada, destacou-se o Major de Artilharia **Jorge Teixeira de Oliveira**, estagiário de Estado-Maior no Quartel-General (QG) do Núcleo de Divisão Aeroterrestre, que se voluntariou para liderar os pioneiros daquele que se tornaria, em pouco tempo, um centro de referência em operações na selva em todo o mundo.

Em 19 de setembro de 1966, o CIGS foi instalado, provisoriamente, no QG do Grupamento de Elementos de Fronteira (GEF), seu Grande Comando enquadrante, onde funciona hoje o Colégio Militar de Manaus. No dia 5 de outubro de 1966, foram inauguradas as instalações do Centro no antigo QG do GEF, na ilha de São Vicente, atualmente ocupada pelo 9º Distrito Naval.

Somente em outubro de 1967, o CIGS mudou-se para o seu atual aquartelamento, localizado no bairro São Jorge, na zona oeste da capital amazonense.

Segundo as palavras do pioneiro Coronel R/I **Francisco JANDER de Oliveira**, quando da criação da Confraria das Velhas Onças de Fortaleza em 1997:



“A criação do CIGS preencheu uma lacuna existente no Exército, pois 2/3 do território brasileiro coberto de vegetação tropical e fronteira a países da América do Sul, não possuíam uma Unidade de selva. Era um contrassenso a existência de unidades convencionais em terreno selvático e sem nenhuma capacidade de atuação.”

Memórias de um General Amazônida

O precioso manto verde onde está a sede administrativa do CIGS, hoje localizado no coração da urbanizada capital amazonense, nos anos 1960, era um varadouro, segundo o General **Thaumaturgo Sotero Vaz**. “Isso aqui era só floresta. Uma pequena picada de terra”, recorda o general de 82 anos de idade.

Considerado a história viva do CIGS, o General **Thaumaturgo** nasceu em 1932 e cedo ingressou na vida militar no Rio de Janeiro, para onde a família havia se transferido. Em suas memórias, passam capítulos da história do Exército Brasileiro na região norte. “Sou amazonense e meu pai foi tenente. Nasci de um susto que minha mãe teve quando meu pai anunciou que iria para a guerra em Tabatinga (extremo norte do País). Com sete meses me lancei na Amazônia”, conta bem humorado.

Com relação à criação do CIGS, o general recorda os seguintes fatos: “em 1956, estava na Brigada Paraquedista, quando fui matriculado no Curso de Operações Especiais. O curso nasceu de uma necessidade do Exército Brasileiro. Na época, um **Constellation** havia caído no Brasil central e não tínhamos como resgatá-lo. A Brigada foi induzida a realizar esse trabalho. A par disso, um oficial general da época resolveu criar o Curso de Busca e Salvamento, mas sequer havia um quartel no Rio de Janeiro para a Brigada”.

“Ainda nessa época, outro general visitou os EUA e lá conheceu as Forças Especiais. Na volta para o Brasil, transformou o Curso de Busca e Salvamento em Forças Especiais. Quinze militares entraram no Curso e assim começa a selva”.

“Apesar da boa intenção, os primeiros estágios em Ribeirão das Lages (RJ) careciam de um componente fundamental, relembra com humor o General **Thaumaturgo**. Lá havia uma ‘matinha’ e de fato não era uma selva. Foi em uma missão com os irmãos **Villas-Boas**, no Xingu, que tivemos o primeiro contato com a selva de verdade. Com esse avanço, logo os norte-americanos enviaram um militar para acompanhar nosso Curso de Operações Especiais e assim nasce o intercâmbio.

“Em 1964, o CIGS já estava no papel. Passei quatro semanas trabalhando nesse projeto e foi me dada a missão de selecionar oficiais para fazer o curso no Panamá. É nesse período que surge o nome **Jorge Teixeira**, que, naquela época, era major e foi fazer o curso. Dos mil pontos fez 970, ou seja, foi um aluno excelente”, diz com orgulho.

“Com uma pequena equipe formada, era hora de tirar do papel o CIGS. Coube ao Coronel **Jorge Teixeira** a difícil missão, que desempenhou com maestria”.

“Quando retornei, em janeiro de 1968, nesse período, Manaus ainda acordava de uma hibernação econômica de quase meio século. O aeroporto de Manaus, em Ponta Pelada, era um barracão de madeira. Hoje, quando vejo o CIGS, em forma, fico até assustado. Naquela época, éramos cinco instrutores com determinação e coragem”. Questionado sobre o papel desempenhado pelo **Coronel Jorge Teixeira, Thaumaturgo** não esconde a admiração e diz – “O **Teixeira** foi brilhante; com ele, o Exército reconheceu que tinha de existir uma doutrina para a selva”.

O Quadrado Maldito

A área de instrução do CIGS, entre os rios Puraquequara e Preto da Eva, é limitada pela Rodovia AM-010 e pelo rio Amazonas, foi cedida ao Exército Brasileiro pelo Governo do Estado do Amazonas ainda na década de 60. A floresta primária totalmente preservada, o 'Quadrado Maldito', como é carinhosamente conhecido, é um complexo de Bases de Instrução que compõem o CIGS. Excetuando-se a sede, as demais estão situadas em uma grande área constituída de floresta primária intocada.

– Base de Instrução **Marechal Rondon** (BI/1) – Está situada na altura do km 65 da Rodovia AM-010. Durante a realização dos cursos de operações na selva, é utilizada como ponto inicial das fases de patrulhas e de operações.

– Base de Instrução **Plácido de Castro** (BI/2) – Situada no km 4 da Estrada do Puraquequara. Tem a infraestrutura para proporcionar aos alunos dos cursos e estágios as melhores condições para o aprendizado nas fases de Vida na Selva, Técnicas Especiais e de Patrulhas.

– Base de Instrução **Lobo D'almada** (BI/3) – Localiza-se no km 28 da Estrada do Puraquequara. É uma base alternativa da BI/2, também proporcionando condições para o desenvolvimento das fases de Vida na Selva, Técnicas e Patrulhas.

– Base de Instrução **Pedro Teixeira** (BI/4) – Situada às margens do Lago Puraquequara, proporciona condições para o desenvolvimento das fases Técnica, de Patrulhas e de Operações, com instruções em geral relacionadas ao emprego de meios fluviais e aeromóveis. Nesta base, desenvolve-se o bloco de tiros de ação reflexa (TAR). Foi ampliada em 2006, dando início à concepção de pavilhão em "H" existente em alguns Pelotões Especiais de Fronteira, passando a ser a base mais bem estruturada para o desenvolvimento dos COS e estágios.

Pela proximidade com a comunidade ribeirinha de São Francisco do Mainá, é adequada ao desenvolvimento de projetos sociais e de meio ambiente, além de propiciar pesquisas científicas em cooperação com instituições públicas e privadas.

– Base de Instrução **Ajuricaba** (BI/5) – Situada na sede do Município de Manaus, a BI/5 foi criada para suprir as necessidades do então Curso de Operações na Selva e Ações de Comando (COSAC), quando do desenvolvimento dos cursos de ações de comandos. Hoje, é utilizada em todas as fases dos cursos, principalmente nas instruções de fundamentação teórica, pista de cordas, zoobotânica e natação.

– Base de Instrução **Felipe Camarão** (BI/6) – Situada às margens do Rio Preto da Eva, também proporciona, em excelentes condições, o desenvolvimento da fase de operações, com instruções em geral relacionadas ao emprego de meios fluviais e aeromóveis.

– Base de Instrução **Henrique Dias** (BI/7) – Serve como apoio nas Operações Ribeirinhas dos cursos.

Doutrina e Pesquisa

O CIGS conta com uma Divisão de Doutrina e Pesquisa (DDP) que tem por finalidade desenvolver e aperfeiçoar a doutrina de operações na selva, bem como pesquisar e experimentar materiais, de acordo com as orientações e diretrizes da Seção de Doutrina e Pesquisa do CMA e do Comando do CIGS.

Sendo o principal difusor da Doutrina de Operações na Selva, procura sempre se manter alinhado com o acelerado avanço tecnológico, nunca deixando de observar as lições aprendidas nos exercícios operacionais na Amazônia. Nesse sentido, são frequentes os testes com equipamentos, armamentos, embarcações, medicamentos e alimentos.

Podemos citar as pesquisas e testes do emprego militar de búfalos para as operações na selva, desenvolvidos a partir do ano 2000, visando uma alternativa ao transporte de suprimentos, sem substituir os meios tecnológicos existentes na atualidade. O contínuo estudo chegou a esse animal, criado com sucesso na Amazônia, rústico e com diversas características que foram ao encontro das necessidades militares.



BASE FELIPE CAMARÃO

Foto: Bruno Zanardo

BASE MARECHAL RONDON

Foto: Bruno Zanardo



Ex-integrantes do CIGS relembram situações vividas na selva ao realizar a Marcha da Saudade

Foto: Bruno Zanardo

Inovações

Nesses 50 anos de história, o CIGS realizou diversas inovações que repercutiram no Exército Brasileiro, dentre as quais, citam-se a disseminação de novas técnicas de instrução e de combate, muitas delas restritas apenas à Brigada Paraquedista, melhorando o nível operacional individual da Instituição; a criação do brado de 'selva', que ecoa atualmente por todas as Unidades da Amazônia brasileira; o coturno de lona verde; as viaturas camufladas; a boina verde como peça do uniforme, inicialmente apenas para o CIGS, depois para o CMA e, finalmente, para todo o Exército; e a adoção da Onça Pintada como símbolo do Combatente de Selva do Exército Brasileiro.

O CIGS tem como uma de suas principais tradições o estabelecimento de onças como mascotes. A primeira mascote, uma onça batizada com o nome **CIGS**, foi doada ao Centro no primeiro semestre de 1967, passando a participar das atividades diárias da organização militar (OM), tais como as formaturas, na qual desfilava embarcada em uma viatura jipe. “Teixeirão”, “Zeus”, “Princesa”, “Cosac”, “Garrone” e “Lana” foram outras mascotes que sucederam a onça **CIGS**. Atualmente, o Centro possui as onças mascotes **Chitara** e **Simba**, que continuam realizando as mesmas atividades que as antecessoras.

Outra importante tradição do CIGS é a realização da Marcha da Saudade. Esse evento foi executado pela primeira vez no ano de 1989, em comemoração aos 25 anos de criação do Centro. Essa atividade é realizada anualmente, durante a semana do guerreiro de selva (6 de junho), e dela participam antigos comandantes do CIGS, ex-integrantes, os ‘Velhas Onças’, guerreiros de selva de todo o país e ilustres convidados, como a Sra. **Nalda** – costureira que confecciona, há mais de 30 anos, o chapéu bandeirante, cobertura utilizada pelos integrantes do Centro. A Marcha da Saudade de 2014 contou com a participação de oficiais-generais do Exército e da Aeronáutica, do Ministro do Superior Tribunal Militar e de mais de vinte ‘velhas onças’.

Nesses 50 anos, o CIGS não ficou parado no tempo. A evolução tecnológica ocorrida nas últimas décadas foi acompanhada de perto, o que permitiu aprimorar as técnicas e as táticas de combate na selva, capacitando os guerreiros de selva a atuarem no combate moderno em melhores condições que seus oponentes. Já em 1967, houve o emprego de helicópteros nas atividades do COS, fruto da experiência obtida pelos pioneiros junto ao Exército estadunidense, que empregava esse meio aéreo na Guerra do Vietnã. 🇺🇸

CIGS, ORGULHO DO EXÉRCITO BRASILEIRO, PATRIMÔNIO DO BRASIL.



Foto: Bruno Zanardo



ASPECTOS DO CENTRO DE INSTRUÇÃO DE GUERRA NA SELVA

Foto: Bruno Zanardo

A FACE CIVIL

Ao longo de meio século, o Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS) deu a Manaus um prefeito e, em seus estágios na selva, inúmeros profissionais da área de segurança pública ganham conhecimentos para usar em favor da sociedade civil. Entretanto, algumas histórias são peculiares porque caminham lado a lado com o tempo de vida do CIGS. Um exemplo é o da costureira **Lesinalda Pedroso de Souza**, 78 anos de idade.

D. **Nalda**, como é carinhosamente chamada, é a responsável pelos uniformes bem alinhados do corpo docente e dos oficiais de comando do Centro de Instrução. Natural de Santarém (PA), chegou a Manaus ainda muito jovem. Casou-se e deu à luz quatorze filhos. Com a prematura morte do marido, a costura passou a ser o ganha pão e a vida prosseguiu com dificuldades.

Em 1980, recebe de seu irmão o convite para trabalhar como costureira no CIGS, pois o Coronel **Gelio Fregapani**, recém-chegado a Manaus, desejava melhorar os uniformes. Após recusar o convite por cinco vezes, passou a trabalhar no CIGS e, depois de 35 anos de serviços, confessa com gratidão: "há mais de três décadas, sirvo ao Exército Brasileiro e foi graças ao CIGS que consegui criar meus filhos e ter minha casa própria, porque os militares me ajudaram".

De sua convivência com o CIGS, D. **Nalda** aproveitou para experimentar um pouco da vida militar, realizando, durante uma semana, o estágio de sobrevivência na selva e participando da Marcha da Saudade. O rosto sorridente só fica sisudo no momento de comentar a opção dos filhos: "dois dos meus filhos serviram, mas nenhum deles quis seguir a carreira militar".

Foto: Bruno Zanardo



A MÍSTICA DO GUERREIRO DE SELVA

O Guerreiro de Selva

São militares especializados capazes de sobreviver e combater valendo-se essencialmente da selva, a sua fiel e inseparável aliada. São profissionais que integram frações guerreiras e motivadas, que deslizam silentes pelos labirintos da mata misteriosa. Inspiram-se na onça para combater, animal símbolo da guerra na selva, pois sabem cercar, inquietar e emboscar o inimigo com facilidade, atuam de surpresa e sempre acreditam na vitória.

O Brevê de Guerra na Selva

O primeiro brevê do CIGS era, como tudo no início do Centro, inovador. Tinha cor prata porque os cursos de oficiais e praças eram idênticos. Herança dos paraquedistas.

O padrão era o mesmo adotado para os cursos do Exército. Folhas de carvalho na horizontal, tendo na sua parte central um escudo português. O escudo apresentava a novidade de ser vazado e possuir, em seu interior, um felino, a onça pintada, de frente e com a boca aberta pronta para atacar. A razão para ser vazado era ter como fundo a cor verde do antigo uniforme, representando a selva amazônica. O conjunto era encimado por uma estrela de cinco pontas.



Foto: Bruno Zanardo



Foto: Bruno Zanardo

A partir de 1971, como os cursos estavam funcionando com currículos diferenciados – Categoria A para Oficiais Superiores, B para Capitães e Tenentes e C para Subtenentes e Sargentos –, estabeleceu-se que os distintivos seriam dourados para oficiais e prateados para praças.

Com o novo Regulamento de Uniformes do Exército (RUE) aprovado em 2014, o brevê passou a ser dourado para todas as categorias do COS.



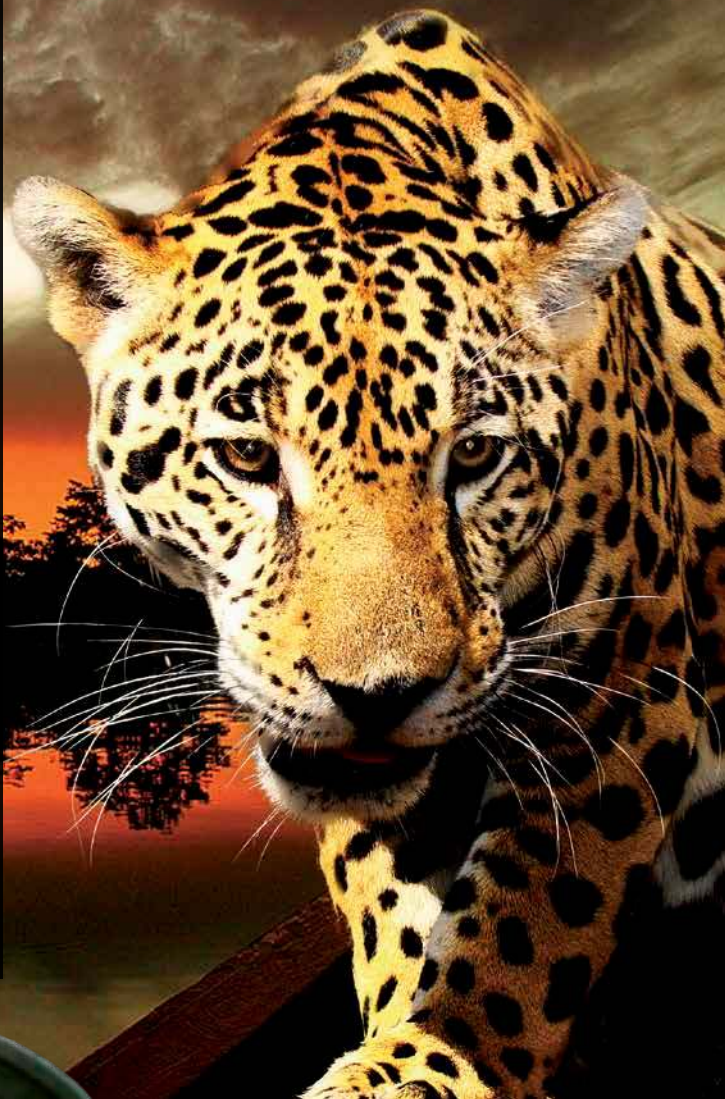
Formatura de Brevetação



A Onça Pintada

A onça pintada é o maior felino do continente americano, sendo encontrada do extremo sul dos Estados Unidos até o norte da Argentina. É essencialmente carnívora. A pelagem varia entre amarelo escuro quase dourado até castanho claro. A onça preta é uma variação melânica, possuindo maior quantidade de pigmento (melanina) em sua pele. Neste caso, a coloração amarela é substituída por uma pelagem preta ou quase preta com o mesmo tipo de manchas osciladas (rosetas) encontradas nas onças pintadas. O corpo é completamente revestido por pintas negras, que formam rosetas dos mais diversos tamanhos, com um ou mais pontos negros em seu interior. Tem hábitos solitários, diurnos, com locomoção cuidadosa e sem ruídos, perseguindo a presa sem ser percebida. Exímia nadadora, utiliza a ponta da cauda como isca para obtenção do pescado. Possui garras potentes e retráteis, que são afiadas em troncos largos e cujas ranhuras auxiliam na demarcação de seu território. A força de sua patada pode chegar a 200 kg.

Por tudo isso, é considerada pelos guerreiros de selva brasileiros o seu animal símbolo, como diz o verso do poema Que Não Ousem: “os guerreiros da selva são como a onça que cerca pacientemente a presa para atacar no momento oportuno, fazendo ecoar um esturro ubíquo e aterrador”.



Chapéu Bandeirante

A Divisão de Doutrina e Pesquisa do CIGS desenvolveu em 1981 o “Chapéu de Selva Bandeirante”, o qual tinha o objetivo de atender à necessidade do combatente de selva no que se refere à cobertura, dotando-o de um chapéu que lhe proporcionasse conforto, ventilação e proteção contra espinhos.

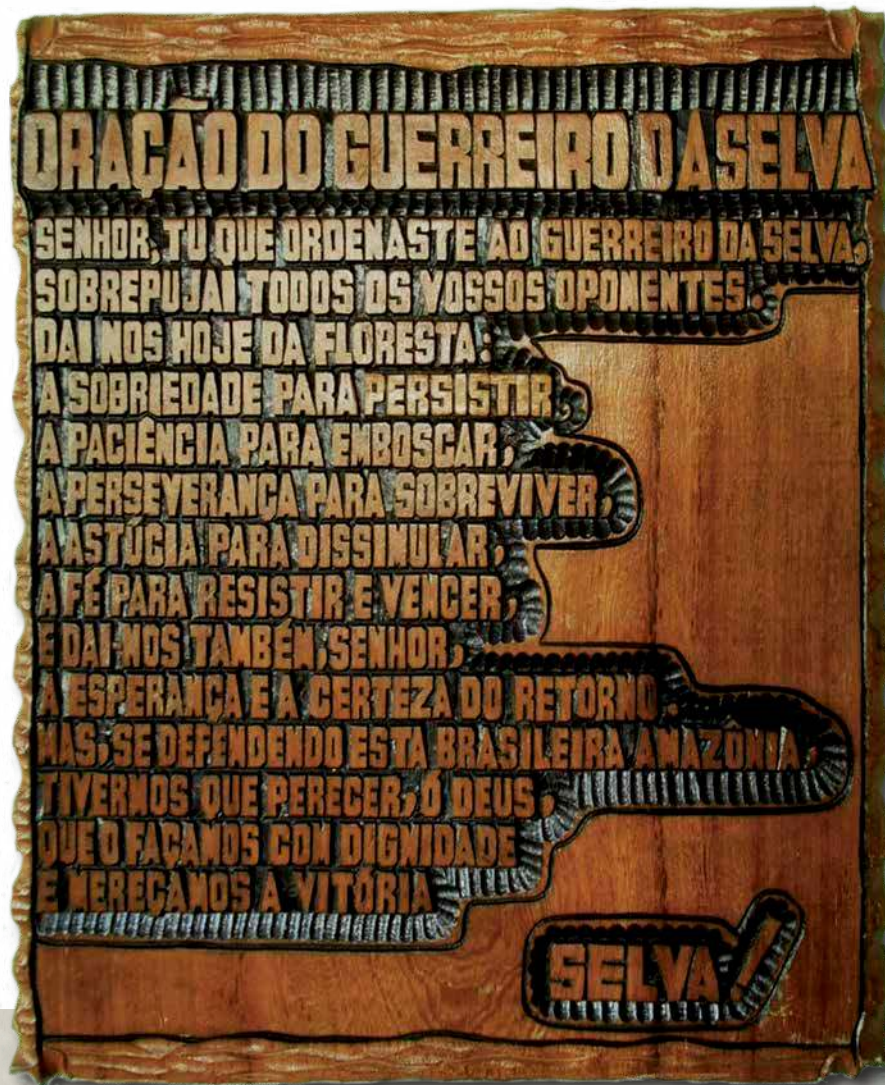
O Distintivo de Gorro

Criado em 2004 no contexto das comemorações dos 40 anos do CIGS, o distintivo consiste em escudo peninsular português, tendo em chefe a expressão “guerra na selva” – como são conhecidos tradicionalmente os especialistas em operações na selva formados pelo CIGS, homens que ousaram realizar e obtiveram êxito no melhor curso de guerra na selva do mundo. No fundo e em abismo, a cara da onça de frente.

A Oração do Guerreiro da Selva

A ideia de escrever uma oração para os combatentes de selva foi do 1º Ten **Humberto Batista Leal**, durante o descanso dos alunos na Base de Instrução **Plácido de Castro** (BI/2). Ali, ele declarou para alguns companheiros de curso que desejava escrever um poema para ser recitado pelas tropas de selva. Juntou, em silêncio, as palavras mais simples que encontrava, para compor os versos que revelassem a simplicidade da floresta e dos homens que usavam o brevê da onça.

Meses depois, nomeado instrutor do Centro, escreveu a Oração do Guerreiro da Selva que passou a ser entoada antes do início das atividades de instrução e após seu término. Todos procuravam memorizá-la e logo passou a ser declamada nas formaturas e demais atividades operacionais. Isto acontecia no CIGS, mas logo se propagou por todas as Organizações Militares da Amazônia. Foi assim que tudo começou.



As Leis da Guerra na Selva

Criada pelo Coronel Fregapani, 6º Comandante do CIGS, tinha a finalidade de incutir na mente dos Guerreiros de Selva algumas regras, procedimentos e atitudes que sintetizam a maneira como devemos combater, de modo a transformar a selva numa aliada.

1ª- Tenha iniciativa, pois não receberá ordens para todas as situações; tenha em vista o objetivo final;

2ª- Procure a surpresa por todos os modos;

3ª- Mantenha seu corpo, armamento e equipamento em boas condições;

4ª- Aprenda a suportar o desconforto e as fadigas sem queixar-se e seja moderado em suas necessidades;

5ª- Pense e aja como caçador, não como caça; e

6ª- Combata sempre com inteligência e seja o mais ardiloso.



O Facão do Guerreiro de Selva

O facão-de-mato (ou terçado) é um artefato indispensável ao combatente na Amazônia, para missão de paz e de guerra. O FGS é uma personalização do facão, de alta qualidade e beleza estética, concedido pelo CIGS àqueles que ousaram enfrentar um dos mais difíceis testes do Exército Brasileiro – o Curso de Guerra na Selva – e conquistaram o direito de ostentar no peito o brevê de guerra na selva.

Às tropas de elite mais famosas do mundo estão associados facas ou facões que as identificam. É usual, no encontro de camaradas de Forças Armadas amigas, a mostra recíproca desse emblemático artefato que, de certo modo, revela o significado histórico das corporações que integram.

Os guerreiros de selva formados pelo CIGS constituem, incontestavelmente, um grupo de elite do Exército Brasileiro.



Foto: Bruno Zanardo

A Origem do Brado de Selva

Quando do início das atividades do CIGS, as idas à área de selva eram muito frequentes. O movimento de viaturas era grande e a nova Unidade ainda não dispunha de fichas de saída de viaturas para serem controladas no portão do Corpo da Guarda. Normalmente, ao ver a saída de uma viatura, a sentinela perguntava qual o seu destino e o motorista ou quem ia à boleia respondia "SELVA" e a maioria das saídas era para a área de instrução. Daí nasceu uma tradição, de maneira simples e espontânea.

Até agosto de 1968, a saudação "SELVA" era restrita ao CIGS e de caráter interno. Porém, no desfile do Dia Sete de Setembro daquele ano, o grito foi utilizado pela primeira vez em público e em formatura oficial. Para manter a cadência da tropa, os instrutores contavam o tradicional "um-dois-três" e depois gritavam "SELVA!". A partir daí, o brado espalhou-se e hoje caracteriza, em todo o Exército, os Guerreiros de Selva e a tropa da Amazônia.

A sua implantação não foi fácil. Houve muita contrariedade, principalmente dos mais antigos que reagiam às ideias novas; mas o CIGS tinha a sua destinação histórica de renovar os 'corações e mentes' da tropa da Amazônia e obteve sucesso. Este simples brado mudou a fisionomia militar dos que serviam na Amazônia, despertando o espírito de operacionalidade que estava adormecido pelos chavões que diziam ser a Amazônia era uma 'área castigo', na qual 'ninguém queria nada', onde 'só tinha gente problema' e outros.

"TUDO PELA AMAZÔNIA."

Autor desconhecido, início do CIGS.

"ÁRDUA É A MISSÃO DE DESENVOLVER E DEFENDER A AMAZÔNIA. MUITO MAIS DIFÍCIL, PORÉM, FOI A DE NOSSOS ANTEPASSADOS, EM CONQUISTÁ-LA E MANTÊ-LA."

General Rodrigo Otávio

"AQUI, O PÔR DO SOL MARCA APENAS A METADE DE UMA JORNADA DE TRABALHO".

Autoria de um aluno do COS, década de 80.

O CENTRO DE PESQUISA DA FLORA E DA FAUNA DA AMAZÔNIA

CIGS e a Preservação Ambiental

A Amazônia é a maior floresta tropical remanescente do planeta e apresenta a maior biodiversidade em uma floresta tropical no mundo. É grande, portanto, o tamanho da responsabilidade que os Guerreiros de Selva formados neste Centro têm em proteger este patrimônio brasileiro.

Um importante papel desenvolvido pelo Centro, além das atividades de ensino militar, é a realização de trabalhos voltados para a educação e proteção ambiental na Amazônia.

O Centro de Pesquisa da Flora e da Fauna da Amazônia

O Centro de Pesquisas da Fauna e da Flora da Amazônia tem por premissa apoiar instituições de ensino e de pesquisa no desenvolvimento de estudos sobre a selva amazônica. Podemos citar o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, a Universidade Federal do Amazonas, a Fundação Oswaldo Cruz, a Universidade Federal do Pará e a Universidade Federal de Minas Gerais, entre outras. Atualmente, estão sendo realizadas pesquisas científicas relacionadas à rabdomiólise e ao hantavírus.

A Popular Atração do CIGS e a Educação Ambiental

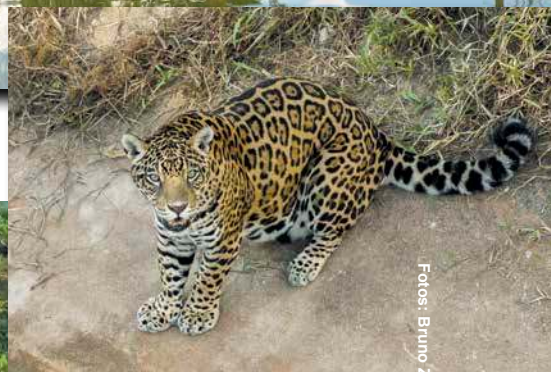
O zoológico do CIGS surgiu em 1967 para atender às atividades de ensino do Centro. Desde o princípio, funcionou como uma ligação entre a população amazonense e o Exército. Na década de 90, alinhado com as legislações ambientais, foi ampliado e recebeu novas espécies da fauna amazônica. Atualmente, o acervo é composto por cerca de 190 animais, de 49 espécies dentre aves, mamíferos e répteis, alguns ameaçados de extinção. Possui, também, uma sala entomológica com diversos insetos do bioma amazônico.

É importante ressaltar que o CIGS não realiza captura de animais selvagens, mas recebe por intermédio do Centro de Triagem de Animais Selvagens do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Renováveis, animais apreendidos e incapacitados para a reintrodução no ambiente de origem.

Diversos trabalhos de pesquisa dentro da Medicina Veterinária e da Biologia são desenvolvidos para compreender melhor o comportamento, a fisiologia, a patologia e a reprodução dos animais da Amazônia.



Foto: 1º Sgt Martins



Fotos: Bruno Zanardo



Vista aérea do Zoológico do CIGS

O CURSO DE OPERAÇÕES NA SELVA



Foto: Bruno Zanardo

O dia 10 de outubro de 1966 marcou o início do primeiro Curso de Guerra na Selva para Oficiais realizado no Brasil sob a responsabilidade do Centro de Instrução de Guerra na Selva. Hoje, reconhecido nacional e internacionalmente como a melhor escola de guerra na selva do mundo, já formou milhares de guerreiros de selva dentre oficiais e praças brasileiros e de nações amigas.

Na época de sua criação, o Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS) tinha as missões de preparar oficiais e praças para as Operações de Guerra na Selva, adestrar subunidades e outras frações, testar e propor o material para uso na selva e contribuir para o desenvolvimento da doutrina. Para tanto, contava com uma equipe de 11 instrutores e de cinco monitores, a qual, apoiada por outros sargentos, cabos, soldados e mateiros, deu o pontapé inicial à formação do melhor combatente de selva do mundo. Assim, no dia 10 de outubro de 1966, teve início o primeiro Curso de Guerra na Selva (CGS) para oficiais. Da primeira turma de Guerreiros de Selva, concluíram o curso 29 oficiais brasileiros. Em 1967, o efetivo de 31 sargentos brasileiros terminou o CGS.

Muitos outros cursos se seguiram, com a participação de oficiais e praças nacionais e de nações amigas, contribuindo para a difusão da doutrina da guerra na selva para os rincões brasileiros e em âmbito internacional.

As dificuldades enfrentadas pelos pioneiros do CIGS eram inúmeras, pois, no início, faltavam viaturas, embarcações e outros meios. Somavam-se a essa realidade, a precariedade das vias de acesso ao campo de instrução do CIGS, com destaque para a Estrada do Puraquequara. Constantemente úmida e cheia de atoleiros, representava obstáculo quase intransponível para aqueles que buscavam chegar ao antigo Barracão, atual Base de Instrução Nr 2, ou ao Igarapé Branquinho, atual Base de Instrução Nr 3.



Foto: Bruno Zanardo

Apesar das adversidades, as instruções eram conduzidas regularmente, graças ao empenho e ao espírito de cumprimento de missão dos bravos pioneiros, liderados pelo então Major **Teixeira**.

O Curso de Operações na Selva (COS) é o principal produto do CIGS. Busca inserir o aluno num ambiente o mais próximo possível do combate real, com desgaste físico e psicológico de forma controlada.

Durante sua memorável história, o CIGS ministrou três diferentes tipos de curso: o Curso de Guerra na Selva, o Curso de Ações de Comandos (CAC) e o Curso de Operações na Selva (COS). O primeiro desses cursos foi desenvolvido entre 1967 e 1970, ano a partir do qual o CIGS foi transformado em Centro de Operações na Selva e Ações de Comandos (COSAC), por força do Decreto nº 67.458, de 29 de outubro de 1970. Com isso, passou a ministrar, simultaneamente, os COS e os CAC.

Em 1978, volta a ser denominado CIGS, por meio do Decreto nº 87.201, devolvendo a responsabilidade dos CAC à Brigada Paraquedista.

Até fins de setembro de 1969, os cursos eram de duas categorias, uma para oficiais e outra para subtenentes e sargentos. A partir de outubro do mesmo ano, passaram a ser de três categorias: "ALFA", para oficiais superiores; "BRAVO", para capitães e tenentes; e "CHARLIE", para subtenentes e sargentos.

Atualmente, o COS tem a duração de 09 (nove) semanas e são divididos, didaticamente, em 03 (três) fases: Vida na Selva, Técnicas Especiais e Operações. Na primeira fase, o aluno aprende a sobreviver na selva com os meios que ela oferece. Na segunda fase, são ministradas instruções de caráter mais técnico, como: módulos de tiro, módulo de orientação, explosivos e destruições, emprego de aeronaves, dentre outras. Na última fase, o aluno integra os conhecimentos adquiridos nas fases anteriores, atendendo às demandas operacionais do Comando Militar da Amazônia e do Comando Militar do Norte.



Foto: Bruno Zanardo

Fotos: Bruno Zanardo

Por possuir renome internacional, mais de 400 militares de nações amigas já realizaram o curso no Brasil e os países condôminos da Hileia Amazônica são os que mais buscam matrícula no curso do CIGS. Até o final do primeiro semestre de 2014, o CIGS formou cerca de 5.700 Guerreiros de Selva.



Fotos: Bruno Zanardo

Por fim, os concludentes dos COS são os responsáveis pela difusão do que há de mais novo em Operações na Selva em suas organizações militares, espalhadas por todos os rincões da Amazônia. São combatentes testados e especializados pela melhor escola de guerra na selva do mundo e detentores dos segredos da selva e eternos guardiões da mística do Guerreiro da Selva; homens que assumiram o COMPROMISSO TERRÍVEL de proteger e defender a Amazônia Brasileira.



Fotos: Bruno Zanardo



A Preocupação com a Saúde dos Alunos

O COS é um dos cursos de combate mais difíceis do Exército Brasileiro. A imitação do combate leva o aluno a um nível de desgaste físico e psicológico muito grande. Desta forma, existe uma preocupação constante com sua saúde.

Além das doenças tropicais, que são monitoradas pela Divisão de Saúde, existe uma preocupação muito grande com a rabdomiólise. A rabdomiólise caracteriza-se pelo poder de causar danos à musculatura esquelética e, quando isso ocorre, o conteúdo das células musculares é liberado na corrente sanguínea, o que pode ser potencialmente tóxico e ocasionar lesão nos rins e arritmias cardíacas, levando, em casos extremos, à morte.

Considerando-se que há uma forte relação entre a rabdomiólise e a atividade física intensa e prolongada a que são submetidos os alunos do COS, as condições climáticas adversas, a alta umidade e o calor amazônicos agravam ainda mais a situação.

Destarte, a Divisão de Saúde realiza com frequência exames clínicos e laboratoriais para prevenir e neutralizar as incidências da doença durante o Curso. 🐸



Fotos: Bruno Zanardo



Entrevistas Comemorativas: 50 Anos

Foto: Bruno Zanardo

**Coronel de Infantaria
Alfredo José Ferreira Dias –
Comandante do Centro de
Instrução de Guerra na Selva
(CIGS)**



O atual comandante do CIGS é natural de Ponta Grossa (PR). Responsável pela eficiente rotina da melhor escola de guerra na selva do mundo, o Coronel **Dias**, em rápida entrevista, falou sobre o quartel que comanda, sua missão e sobre projetos em andamento que trarão benefícios para o Exército e para a Amazônia.

Verde-Oliva – Em sua opinião, qual é a importância do CIGS para a Amazônia e para o Brasil?

Cel Dias – A Amazônia Legal é uma região que corresponde a mais da metade do território brasileiro, com aproximadamente 12.000 km de fronteiras terrestre e 1.000 km de litoral. É uma área imensa, com uma densidade demográfica de quatro habitantes por quilômetro quadrado. Se considerarmos, ainda, que são desconhecidos os seus verdadeiros potenciais de recursos minerais, de produtos fitoterápicos e hídricos, dentre outros, podemos afirmar que é uma das áreas de maior importância estratégica do mundo. Tudo isso, sob o ponto de vista militar, ressalta a importância do CIGS, que tem como principal missão especializar militares para o combate na selva, ao mesmo tempo em que realiza pesquisas e experimentações doutrinárias para a defesa e proteção da Amazônia e do Brasil.

Verde-Oliva – Considerando que foi criado há 50 anos, qual é a base doutrinária que norteia os CIGS?

Cel Dias – A doutrina de emprego da Força Terrestre brasileira em área de selva foi consolidada ao longo desses 50 anos de CIGS. Após sua criação em 1964, o Coronel **Jorge Teixeira de Oliveira**, o “Teixeirão” como era conhecido pelos amazonenses, foi nomeado comandante e formou a primeira equipe de instrução. Oficiais e sargentos que cursaram o **Jungle**

Operations Training Center no **Fort Sherman** (EUA) e outros que já possuíam o Curso de Operações Especiais do Centro de Instrução Aeroterrestre (CIAet), atual Brigada de Infantaria Paraquedista (Rio de Janeiro), fizeram parte daquela equipe. As experiências desses pioneiros e das tropas da Amazônia, particularmente do 27º Batalhão de Caçadores, hoje 1º Batalhão de Infantaria de Selva Aeromóvel, somados aos ensinamentos adquiridos com habitantes da área, caboclos e índios, deram origem à atual doutrina de emprego, que está sempre evoluindo e acompanhando as transformações e inovações tecnológicas.

Verde-Oliva – Faça, por gentileza, um balanço dos alunos do CIGS e qual o legado que é passado para aqueles que frequentam os cursos?

Cel Dias – Ao completar 50 anos, o CIGS se orgulha de já ter formado mais de 5.700 militares brasileiros, do Exército, da Marinha, da Força Aérea, da Polícia e dos Bombeiros Militares e 446 militares estrangeiros de 26 países amigos.

Ao concluírem o curso, os alunos especializam-se no combate na selva e passam a conhecer melhor a Amazônia,

cumprindo o lema “aprender, compreender, entender e proteger”. Passam a ostentar com orgulho a “cara da onça” em seus uniformes, que os identificam como Guerreiros de Selva e, ao retornarem para seus quartéis de origem, particularmente as Unidades de Fronteira na Amazônia, tornam-se propagadores dos ensinamentos adquiridos no curso, que é reconhecido como o melhor curso de guerra na selva do mundo.

A participação de alunos estrangeiros, muito deles possuidores de outros cursos de combate e com muita experiência militar, permite maior integração, troca de conhecimentos e aumenta as possibilidades de intercâmbios militares em outras áreas, fortalecendo os laços de amizade do Brasil com outros países.

Verde-Oliva - O CIGS mantém o único zoológico militar no Brasil e, até onde se sabe, no mundo. Esse diálogo com a cidade de Manaus é importante para a aproximação do público?

Cel Dias - A origem do Zoo é decorrente da necessidade de usar animais silvestres nos cursos e estágios como meio auxiliar de instrução. No entanto, com o passar dos anos, o número de espécies foi aumentando devido às doações e às apreensões realizadas pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Renováveis (IBAMA). Hoje, o Zoo é o segundo ponto turístico mais visitado da cidade, recebendo anualmente cerca de 120 mil visitantes, e conta com um acervo de 190 animais, muitos deles ameaçados de extinção. Em apoio aos órgãos de pesquisa, com pessoal especializado realiza estudos sobre a fauna e a flora da região, contribuindo, dessa forma, para a preservação e conservação das espécies dentro de um plano de gestão ambiental.

Ainda neste ano, como parte das comemorações do cinquentenário do CIGS, será inaugurado um aquário que abrigará diversas espécies da ictiofauna amazônica. Do mesmo modo, será concluída uma instalação denominada de “Oca do Conhecimento Ambiental”, que possuirá um auditório e uma biblioteca, com acesso à **internet**, destinada ao estudo da biosfera amazônica, proporcionando aos visitantes e às escolas da região maior incremento na educação socioambiental.

Verde-Oliva - O que o CIGS representa para o Coronel Dias e o Coronel Dias para o CIGS?

Cel Dias - Sou um simples comandante; mas, para mim, é a realização de um sonho profissional; é uma honra poder comandar uma das mais importantes organizações militares do Exército na Amazônia. O CIGS é uma Unidade formada por homens e mulheres que se dedicam diuturnamente para manter o ensino da guerra na selva como referência internacional e de excelência, preservando as tradições, a mística e os símbolos criados pelos nossos antecessores.

Verde-Oliva - O CIGS é uma escola de vida e um patrimônio militar brasileiro. Para aqueles que desejam fazer o

Curso de Operações na Selva (COS), quais os conselhos que o senhor daria?

Cel Dias - O COS é destinado aos oficiais, subtenentes e sargentos de carreira. Por ser um curso de combate, requer e exige uma boa preparação física e preparo intelectual, considerando determinados assuntos que são ensinados e muito cobrados de todos os alunos. Eu digo sempre que não é um curso para super-heróis, mas para homens e mulheres que gostam do seu trabalho, tenham determinação, vontade de vencer e espírito profissional.

Verde-Oliva - O CIGS tem a nobre missão de ensinar. Aos olhos de quem o conhece, percebe-se que caminha para se tornar uma academia. Esse é o seu futuro e quando isso poderá acontecer?

Cel Dias - Acompanhando o projeto de transformação da Força Terrestre, o Comando Militar da Amazônia (CMA) e o CIGS desenvolveram alguns objetivos para serem atingidos, em médio e longo prazo, que incrementarão a operacionalidade do Exército na Amazônia, tais como: manter a Doutrina de Operações na Selva alinhada com o acelerado avanço tecnológico; expandir a capacidade de formação de especialistas em operações na selva; centralizar a especialização dos cursos de navegação fluvial e similares que hoje é de responsabilidade exclusiva do Centro de Embarcações do CMA (CECMA); e apoiar o adestramento e avaliar o desempenho das tropas do CMA. Porém, para que tudo isso aconteça, será necessário mudar a estrutura organizacional e criar o que está sendo chamado de “CIGÃO”, ou o Centro Integrado de Guerra na Selva (CIGS), visando preservar o nome que já é conhecido internacionalmente. Para isso, evidentemente, será aproveitado o que já existe e serão criadas outras organizações comandadas por oficiais superiores que estariam subordinadas a um general de brigada, como, por exemplo, um centro de estudos estratégicos da Amazônia; um centro de doutrina, pesquisa e desenvolvimento de guerra na selva; um centro de adestramento e avaliação operacional; uma base administrativa; um posto médico de guarnição; um campo de instrução e um complexo cultural museu presença do Exército na Amazônia.



Foto: Bruno Zanardo

**Coronel de Infantaria
Nilton Correa Lampert
11º Comandante do CIGS**



O Coronel **Lampert** nasceu em Santa Maria (RS). Foi Aspirante a Oficial de Infantaria da Turma de 1964 da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Foi aluno do 1º Curso de Operações na Selva, tornando-se o Guerreiro de Selva Nº 025. Foi instrutor do Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS) na década de 1960, durante o comando do lendário Major Jorge Teixeira, o “**Teixeirão**”.

Verde-Oliva - O Senhor foi aluno, foi instrutor e Comandante do CIGS. Em decorrência dessa experiência, qual é a sua opinião sobre a criação deste Centro?

Cel Lampert – Inicialmente, gostaria de externar a minha satisfação em poder falar sobre o CIGS; de voltar fisicamente ao Exército, porque dele, na realidade, nunca me afastei; e também de lembrar um pouco do passado.

O CIGS foi criado em 1964 pelo Estado-Maior do Exército. Naquela época, o Exército da Amazônia não tinha experiência em operações na selva. Na década de 1950, o Exército decidiu empregar o 27º Batalhão de Caçadores (27º BC), de Manaus (AM), e outras tropas de fronteira no combate a bandoleiros que surgiram na região sudeste do Estado do Amazonas. A operação foi um fracasso porque a tropa não conhecia o terreno, não possuía equipamento adequado e não era adestrada na selva.

Eu acredito que relatórios feitos pelo então Grupamento de Elementos de Fronteira (GEF) contribuíram para a criação do CIGS. Na época, o Comando Militar da Amazônia (CMA) ficava em Belém.

Outro aspecto que se deve lembrar é que, após a contrarrevolução de 1964, o governo brasileiro voltou-se para a Amazônia e, então, o Exército resolveu criar o que podemos chamar de Centro de Guerra na Selva. A partir daí, houve a necessidade de preparar os seus quadros enviando oficiais e sargentos para realizarem cursos no exterior. Ao retornarem, foram classificados no GEF e no CMA, exatamente para participarem desta nova escola.

O Exército foi muito feliz na escolha do Major **Teixeira** para o comando do CIGS. Na oportunidade, ele servia no Núcleo de Divisão Paraquedista. O Major **Teixeira** foi mandado ao exterior e, ao voltar, criou o CIGS do nada.

Verde-Oliva – Como foi a seleção dos oficiais-alunos que participaram do primeiro Curso de Operações na selva (COS)?

Cel Lampert – Da minha turma de AMAN, nove aspirantes foram classificados no 27º BC e oito no 26º BC, em Belém. Ao todo, 17 aspirantes foram para a Amazônia, o que caracteriza, mais uma vez, a prioridade que o Governo e o Exército davam, na época, para a Amazônia.

Por sermos voluntários, fomos designados para a fronteira. Quando relacionado para fazer o curso, eu servia na 4ª Companhia de Fronteira (4ª Cia Fron), no Acre. Na época, o Comandante do GEF, General de Brigada **Moacir Barcelos Potiguar**, determinou que, no primeiro curso do CIGS, servissem oficiais de fronteira e de Belém. Dessa forma, o primeiro curso de CIGS teve 31 oficiais – tenentes, capitães e um coronel – e iniciou em outubro de 1966.

Verde-Oliva – Considerando as dificuldades que existiam para ambos os lados – instrutores e alunos –, no início e durante o curso, como o Senhor avalia as instalações do CIGS e a instrução?

Cel Lampert – Nós, alunos, tivemos um grande impacto quando chegamos a Manaus, pois o quartel era bem diferente do que estávamos acostumados. Novo, organizado; as salas de aula possuíam o melhor que se podia ter em termos de material e o alojamento era todo telado, o que, na década de 1960, não se imaginava na Amazônia.

Com relação aos instrutores e monitores, o CIGS começou muito bem. Eles estavam bastante entusiasmados, embora fossem poucos. As primeiras aulas foram teóricas e o faseamento da instrução foi igual ou parecido ao que se adota hoje.

Naquela época, nós íamos para a Base de Instrução nº 2 a pé, pela estrada do Puraquequara, carregando o saco nas costas. As instruções eram bem incipientes, pois não existia material nas Bases e os instrutores e monitores ainda estavam montando os locais de instrução.

Com o passar do tempo, alguns comentaram que o curso era de mateiro; mas, na verdade, para os oficiais do primeiro curso, tudo foi ensaio e erro. O curso teve a duração de cinco semanas e o nosso turno teve 31 oficiais, dos quais 29 saíram Guerreiros de Selva.

Verde-Oliva – Como era ministrada a instrução nos quartéis da Amazônia quando o Aspirante **Lampert** apresentou-se pronto para o serviço?

Cel Lampert – Em março de 1965, apresentei-me pronto para o serviço no 27º BC. A doutrina e o tipo de instrução empregados eram os mesmos utilizados em qualquer quartel do Brasil, isto é, não se ajustava àquela área de operações (selva).

Após o curso, quando voltei para a 4ª Cia de Fronteira e com o apoio do Comandante da Companhia, criei um pelotão para cumprir qualquer tipo de missão em área de selva, o que mais tarde talvez viesse a ser o Pelotão de Operações Especiais. A instrução básica foi a que aprendi no CIGS e também montei áreas de instrução, aproveitando os meios de fortuna encontrados na selva. Procurei, principalmente, incutir nos soldados o mesmo espírito que me passaram no CIGS com relação a ser guerreiro: vibração, iniciativa e perseverança para cumprir a missão. Justiça seja feita, o CIGS nasceu com o espírito de tropa especial do Núcleo de Divisão Aeroterrestre, hoje Brigada de Infantaria Paraquedista. Com o passar do tempo, formou personalidade própria e criou a sua mística, ajudado pelo elemento selva.

Verde-Olive – Admirado por todos, em decorrência de seus feitos em benefício da Amazônia, do Exército, da criação do CIGS e do surgimento de uma doutrina de selva, como o Senhor vê a pessoa do Coronel **Teixeira**, carinhosamente apelidado de “**Teixeirão**”?

Cel Lampert – Ele era uma pessoa vibrante e entusiasmada com o que realizava. Por entender de tudo, vivia criando coisas e, devido a sua liderança, os oficiais e sargentos de sua equipe seguiam à risca suas orientações.

Estou com 74 anos de idade, dos quais 40 no Exército. Durante todo esse tempo, não conheci ninguém que tivesse o carisma do **Teixeirão**; onde ele chegava, era uma personalidade que preenchia qualquer ambiente.

Ele não mudou nada com o passar do tempo. Onde quer que eu estivesse, sempre ouvia falar a seu respeito e digo “**Teixeirão** era do tamanho da Amazônia”.

Ninguém pode negar, o espírito do CIGS é o do Coronel **Teixeira**.

Não é do conhecimento de todos, mas a boina verde foi criada pelo Coronel **Teixeira**. No início, somente o CIGS usava a boina verde. Passou a ser usada por todo o CMA, no comando do General **Rodrigo Otávio**, pela criação da Operação Boina, na qual o militar conquistava o direito de

usá-la. Atualmente, a boina verde é de uso de todo o Exército Brasileiro. Essa mística é do Coronel **Teixeira** “para usar tem que conquistar”.

Verde-Olive – Valendo-se mais uma vez de sua vivência na Amazônia, particularmente na casa dos Guerreiros de Selva, como o Senhor avalia os instrutores e monitores do CIGS?

Cel Lampert – Uma característica das unidades-escola operacionais do Exército é a de que seus instrutores e monitores são voluntários e, mesmo não sendo do ramo, eles sentem a necessidade de se ajustarem ao novo ambiente.

Quando voltei ao CIGS como instrutor, tive que me readaptar, pois lá havia chegado o Capitão **Thaumaturgo**, que tinha revolucionado a instrução. A minha cultura ainda era de quando havia feito o curso.

Ao retornar como Comandante, o que aprendi e achei que era positivo eu apliquei. Foi nessa oportunidade que pude comprovar a qualidade do meu pessoal e tive a certeza que era excepcional. Vivi várias situações que me trouxeram muito orgulho e que marcaram o meu comando; sobretudo pela capacidade profissional, iniciativa e pelo culto ao espírito do Coronel **Teixeira**, que cada um dos oficiais e praças mantinha em todas as situações.

Verde-Olive – O Senhor gostaria de acrescentar algo mais a respeito do assunto?

Cel Lampert – Eu tenho um orgulho muito grande de ter participado da história do CIGS como integrante da primeira turma do COS; de ter servido como instrutor e, também, de ter comandado aquela casa de Guerreiros de Selva.

Esse orgulho se exacerba pelo fato de, como comandante, ter tido a felicidade de receber o meu filho no final da fuga e evasão e tê-lo visto tornar-se um combatente de selva.

Particpei recentemente das comemorações dos 50 anos do CIGS e lá encontrei companheiros, instrutores, monitores e cabos velhos. Confraternizamo-nos porque continuamos sendo uma família e lembrei-me de uma frase que muito usei: “A selva nos une”. Temos que saber utilizar a selva para tê-la como aliada; caso contrário, ela vai nos maltratar.

Encerro afirmando que a saudade é profunda e que, hoje, com certeza, eu vou sonhar porque me lembrei de muita coisa boa.



Foto: Bruno Zanardo

**Coronel
Gelio Fregapani
6º Comandante
do CIGS**



Considerado uma das melhores mentes do Exército Brasileiro e por ter comandado o Centro a partir do ano de 1980, foi convidado para falar sobre o CIGS e sobre a Amazônia. Politizado, consciente e articulado, Coronel **Fregapani** fundamentou as leis de Guerra na Selva e ajudou a construir a mística do CIGS.

Verde-Oliva – O que significa o CIGS em sua carreira militar?

Cel Fregapani – Creio ter deixado uma marca por onde passei, mas o tempo de comando no GIGS foi o ápice. Sempre pensei, desde que me dei por gente, em influir decisivamente para conseguir a vitória na guerra. Sei que se começa a vencer formulando a doutrina correta para a situação e forjando os instrumentos do combate – homens treinados e armas eficazes para a situação. Foi isto que iniciei a fazer.

Verde-Oliva – O senhor testemunhou boa parte da criação do CIGS e o comandou. Quais as lembranças, as maiores dificuldades e as saudades da época?

Cel Fregapani – As lembranças principais são os grandes desafios. O gostinho do perigo e do desconhecido. Da ousadia do Major **Teixeira** em sair das regras para assegurar o apoio logístico. Da dedicação dos quadros e das inovações de um oficial o Capitão **Leal Santos**. Lembro-me da dificuldade da maioria em pensar no *know-why* e não somente no *know-how* e na dificuldade em inovar e avançar. A saudade que me toca é a do companheirismo, dos desafios e do gosto do perigo.

Verde-Oliva – Muitos de seus amigos e admiradores o descrevem como mente pensante, um patrimônio intelectual do Exército Brasileiro. Comenta-se que o senhor realmente tem opiniões claras e bem formadas sobre muitos assuntos nacionais e internacionais na área da sociologia, economia e na geopolítica. Onde o CIGS ajudou a formar o pensador **Gelio Fregapani**?

Cel Fregapani – Por ter tomado parte na epopeia da fundação do CIGS, por conhecer o curso norte-americano de Operações na Selva e por ter estudado as campanhas que ocorreram no mundo, formulei mentalmente a doutrina que me pareceu mais adequada para enfrentar e vencer uma guerra no nosso ambiente de selva. Escrevi algo sobre o assunto em

revistas militares e, no desempenho de outras funções, tive a sorte e a oportunidade de fazer inovações. Talvez, devido a esses dois fatores, tenha recebido o honroso convite para comandar o CIGS. Claro que isso era um sonho, mas mesmo assim respondi de uma forma irreverente: “Meu General, é o mesmo que perguntar se macaco quer banana, mas tenho minhas ideias sobre como desenvolver uma guerra na selva. Se não puder implementá-las, prefiro não ir”. Pela resposta do General **Navarro**, “O convite é precisamente pelas suas ideias”, considerei-me com carta branca e arrisquei o que talvez nenhum outro comandante poderia fazê-lo. Com a graça de Deus, deu certo e isto transformou o CIGS, que já era respeitado, na mais famosa Escola de Guerra na Selva do mundo. A fama do CIGS é que se refletiu em mim, fazendo com que minhas ideias (em constante evolução) ficassem conhecidas. Houve casos de até boas ideias serem atribuídas erroneamente a mim. Lembro-me de uma declaração em uma grande revista nacional “Não quero inovar nada, mas decidi cooperar com o progresso da região.” Declaração que nunca fiz, mas não desmenti. Na verdade sempre quis inovar e muitas vezes consegui.

Verde-Oliva – O senhor é um crítico das intervenções por vezes desastrosas na região, como as demarcações de terras indígenas e as constantes invasões de fronteira por parte de refugiados. Onde o CIGS pode interferir de forma positiva no debate civil e militar sobre tais temas? É possível?

Cel Fregapani – O CIGS é apenas uma escola. Deve inspirar e propor uma doutrina; mas aceitar, modificar e implementar cabe ao Estado-Maior do Exército. A herança que tivemos da nossa matriz – o *Jungle Operations* dos EUA – resumia-se ao treinamento individual e de escalão até pelotão (a moda deles que não nos servia) e já tinha sido em parte adaptado, inclusive por mim. Quando comande, prossegui com inovações e criamos um curso para oficiais superiores no qual estudávamos as guerras na selva da História e de situações hipotéticas. Naturalmente, fizemos propostas que foram bem recebidas. Este é o papel do CIGS; mas, pessoalmente, podemos influir mais. A minha influência é facilitada pela fama do CIGS. Quanto à perigosa situação indígena, o CIGS pode ajudar; porém, o CMA e o Estado-Maior do Exército têm que pensar e implementar ações para conseguir aliados entre índios e, principalmente, garimpeiros. Estes últimos, na situação atual, seriam a chave do sucesso ou do fracasso.

Verde-Oliva – O CIGS é uma aula de Amazônia, isso é fato. Em suas fileiras, inúmeros militares de nações amigas vêm aprender sobre a região, a partir do Curso de Operações na Selva. Geopoliticamente falando, é seguro dialogar conhecimento com nossos vizinhos?

Cel Fregapani – Isto deve ser uma ação diplomática para fazer amigos e pensada no Itamarati. Cabe ao CIGS agir para conquistar respeito e amizades, e não dar “o pulo do gato”.

Verde-Oliva – E os próximos 50 anos?

Cel Fregapani – Por melhor que seja uma doutrina, uma tropa ou qualquer técnica ou tática, ela será superada se não evoluir. É necessário um pensamento contínuo de evolução antes mesmo de novos materiais, procedimentos e dispositivos que serão necessários. A deusa da vitória sorri para o exército que se antecipa. Depende só de nós evoluirmos antes dos demais. Selva!

**General de Exército
Guilherme Cals
Theophilo Gaspar de
Oliveira
Comandante do CMA**



Em seu gabinete no CMA, o General **Theophilo** falou sobre os 50 anos do CIGS e a respeito do papel do Exército na Região Amazônica. Sob sua responsabilidade estão os rumos do Exército Brasileiro, em uma delicada região que militarmente corresponde quase à metade do Brasil.

Verde-Oliva – Gen **Theophilo**, hoje o senhor comanda o CMA. Fale um pouco sobre suas diretrizes para o CIGS.

Gen Theophilo – O CIGS é subordinado diretamente ao comando do CMA. Desta forma, o Comandante Militar da Amazônia estabelece orientações para a condução dos Cursos e Estágios a serem realizados no ano de instrução. Neste sentido, são observados os cenários de emprego de tropas na área do CMA, com a finalidade de realizar instruções voltadas para a conjuntura atual.

Verde-Oliva – Cada vez mais, os exércitos de outras nações fazem o uso de novas tecnologias. Na Amazônia, o CIGS é referência no emprego do conhecimento. Existem projetos que envolvem o desenvolvimento de modernas tecnologias de guerra na selva?

Gen Theophilo – Sim. O grande projeto é o Sistema Integrado de Monitoramento de Fronteiras (SISFRON), que vem sendo desenvolvido há cinco anos. Aos poucos, será irradiado para toda a Amazônia. Por enquanto, ele encontra-se em Porto Velho, Tefé (AM), São Gabriel da Cachoeira (AM) e Boa Vista. Não podemos deixar de observar que, na Amazônia, por ser um bioma muito complexo, o que se aplica em uma região não é válida em outras. Além do SISFRON, temos as operações como a ÁGATA, reunindo um grande

contingente que faz o uso de tecnologias em conexão com Brasília.

Verde-Oliva – Falando em conhecimento, o CIGS se tornará uma academia por excelência?

Gen Theophilo – Com certeza teremos o “CIGÃO”. Será um centro de doutrina, pesquisa, avaliação e adestramento. Um centro de estudos estratégicos com departamento administrativo e, ainda, será dotado de um memorial do Exército Brasileiro na Amazônia.

Verde-Oliva – Caso isso venha a acontecer, será um marco para o ensino militar no Brasil, o senhor concorda?

Gen Theophilo – Sim. Será um marco em uma região estratégica que temos a obrigação de dominar.

Verde-Oliva – Dos projetos voltados para a Região Amazônica, a Zona Franca de Manaus é de longe o mais bem sucedido. Porém, o CIGS surgiu aparentemente despretenso e hoje é referência de sucesso. Em sua opinião, isso foi proposital?

Gen Theophilo – Não. Isso foi uma missão extremamente difícil. Na verdade, fruto da visão de dois grandes estadistas, que foram o Coronel **Jorge Teixeira** e o General **Rodrigo Otávio**.

Verde-Oliva – O CIGS é uma peça do enorme quebra-cabeça que formam as forças de defesa do Brasil na Amazônia. Ainda há muito a fazer? O que exatamente?

Gen Theophilo – Sim, temos muito a fazer. Tanto no campo estrutural como na área de pesquisas. Temos que investir em instalações, desenvolver projetos dentro da trilogia “água, energia e comunicações”. Estamos trabalhando, por exemplo, na melhoria dos serviços de Internet tanto para o uso pessoal como para outras áreas, como a navegação. Estamos negociando com o Governo do Estado a instalação do polo naval, que está sendo projetado em uma área que pertence ao Exército Brasileiro. O ideal é conciliar o Exército com essa nova matriz econômica para o Amazonas, evitando, claro, perdas no patrimônio ambiental. Temos muito a fazer no Amazonas, Acre, em Rondônia e Roraima.

Verde-Oliva – Deixe uma mensagem para todos aqueles, militares e civis, que ainda não conhecem o trabalho desenvolvido pelo CIGS nesses 50 anos.

Gen Theophilo – Eu gostaria de dizer a todos que conheçam o trabalho desenvolvido pelo CIGS, para que atestem a qualidade da formação de nossos Guerreiros de Selva. O Brasil deve estar continuamente preparado para dissuadir qualquer ameaça contra nossa Amazônia. Sendo assim, o CIGS continuará especializando oficiais e praças a fim de garantir a soberania brasileira nesta região. 🇧🇷

O CINQUENTENÁRIO DO CENTRO DE INSTRUÇÃO DE GUERRA NA SELVA

Foto: Bruno Zanardo

Visando consolidar a amizade, integrando-se cada vez mais com a sociedade amazonense; enaltecer as tradições históricas; reverenciar a mística e homenagear seus ex-integrantes, o Comando planejou várias atividades para as comemorações do cinquentenário do Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS).

Lançamento do Selo Comemorativo

Com a participação da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, o CIGS lançou, no dia 20 de março, um selo comemorativo pelo seu cinquentenário. O lançamento teve por objetivo divulgar, no território nacional, os 50 anos de sua existência e cultuar a mística construída ao longo do tempo.

Consagração de Nossa Senhora Aparecida

Com Decreto de 28 de janeiro de 2014, o Ordinariado Militar do Brasil instituiu que Nossa Senhora Aparecida seja venerada como padroeira do CIGS e dos possuidores do Curso de Operações de Selva (COS). Além disso, sua imagem foi colocada em oratório no CIGS para lembrar a presença protetora de sua padroeira.



Foto: Bruno Zanardo



Foto: Bruno Zanardo

Faca CIGS

Como parte das comemorações do cinquentenário do CIGS, foi criada a Faca CIGS, para que, os possuidores do Facão do Guerreiro de Selva possam utilizar em seus equipamentos uma faca de trincheira estilizada, semelhante ao Facão, quando estiverem servindo fora do Comando Militar da Amazônia e do Norte.



Lançamento da Moeda Comemorativa

A Moeda Comemorativa do Cinquentenário do CIGS foi fabricada em metal com acabamento em bronze antigo. Possui no anverso o distintivo do Curso de Operações na Selva, o Facão do Guerreiro de Selva, o distintivo do Chapéu de Selva Bandeirante, com dizeres: "CENTRO CORONEL JORGE TEIXEIRA" e "TUDO PELA AMAZÔNIA! SELVA!". No reverso o distintivo do CIGS, com a inscrição "50 Anos" e "1964 - 2014", com os dizeres "CENTRO DE INSTRUÇÃO DE GUERRA NA SELVA" e "EXÉRCITO BRASILEIRO".



Ultramaratona de Revezamento de 50 km

No dia 1º de junho, foi realizada a Ultramaratona de Revezamento de 50 km, a qual se desenvolveu num circuito de 6.250 km, dos quais aproximadamente 3 km foram de corrida **cross-country** pelas trilhas do CIGS.

O evento revolucionou as corridas de Manaus, com paisagens e terreno bastante variados, passando por trilhas, pontes provisórias e cruzando o zoológico do CIGS. O atleta pôde interagir com a fauna e a flora amazônica.

Foram inscritos mais de 1.400 atletas de oito Estados.



Projetos Socioambientais

Aquário Amazônico

O zoológico do CIGS é um local destinado à manutenção de coleções de animais com a finalidade de exibição, preservação, reprodução e educação ambiental, voltadas para a rica fauna e flora presentes na Região Amazônica.

O Aquário Amazônico do CIGS é um projeto socioambiental de construção e reconstrução de saberes acerca da ictiofauna amazônica e será o único na cidade de Manaus com a representatividade de várias espécies ornamentais, comerciais e exóticas.

Com o objetivo de executar o projeto, o CIGS buscou parcerias assinando um convênio com a PETROBRÁS, que prontamente se sensibilizou com este empreendimento socioambiental.

O Aquário vai fomentar as atividades de educação ambiental, pesquisa científica, recreação e lazer do público visitante, principalmente para crianças, jovens e adultos delineados no trabalho em questão.

Destarte, o Zoológico do CIGS preencherá uma lacuna no que se refere à exposição de peixes amazônicos, aumentando suas atrações de grande valia para a sociedade amazonense.

O projeto atenderá, principalmente, os adolescentes e jovens das escolas públicas da cidade de Manaus, englobando educação infantil, fundamental, escolas técnicas e universidades. Atenderá, também, a idosos, a comunidades ribeirinhas, associações, pescadores, artesãos, extrativistas e à comunidade em geral.

Outro grande viés será a disponibilização de um importante equipamento de pesquisa científica, possibilitando que pesquisadores parceiros desenvolvam estudos voltados à reprodução, alimentação, conservação e ao manejo dos peixes amazônicos.

Projeto Oca do Conhecimento Ambiental

A Oca do Conhecimento Ambiental tem por objetivo ser um espaço para realização de atividades de cunho preservacionista, congregando em sua estrutura uma biblioteca, um auditório, uma sala destinada ao Memorial do Guerreiro de Selva e à realização de exposições relacionadas com a proteção ambiental.

Projeto Histórico

Memorial do Guerreiro de Selva

Como parte da Oca do Conhecimento, será preparado um ambiente destinado à guarda e mostra de pertences do Coronel **Jorge Teixeira**, patrono e pioneiro do CIGS. Este espaço cultural terá as características de um memorial a esta figura ilustre. Também incorporará um acervo sobre a história e evolução do CIGS e a respeito da mística do guerreiro de selva.

A criação de um espaço cultural com essas características, integrado ao zoológico, irá divulgar sobremaneira a missão institucional do Exército Brasileiro na Amazônia; dará conhecimento do trabalho realizado pelo CIGS e eternizará a memória do patrono, cujos feitos extrapolam o ambiente militar. O Coronel **Jorge Teixeira** foi Prefeito de Manaus, primeiro Governador de Rondônia, e deu nome ao aeroporto de Porto Velho, a uma avenida e a um bairro em Manaus.



Fonte: furacaodenoticias.com

Praça Coronel Jorge Teixeira

Projeto Sociocultural

Praça Coronel Jorge Teixeira

Como parte das comemorações do cinquentenário do CIGS, a praça anteriormente conhecida como “Praça do CIGS” foi revitalizada pela Prefeitura de Manaus e passou a ser denominada Praça Coronel **Jorge Teixeira**, de acordo com um decreto legislativo. A revitalização constou de construção de um monumento com um busto do Coronel **Teixeira**, de modernização de sua infraestrutura, no acesso, no paisagismo e na iluminação, tornando-a mais um local de lazer aberto à população manauara.

O Reconhecimento de um trabalho

Medalha do Mérito Legislativo Coronel Jorge Teixeira

No dia 1º de abril de 2014, com aprovação do plenário **Ruy Araújo**, a Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas instituiu a Medalha do Mérito Legislativo Coronel **Jorge Teixeira**, como homenagem especial a militares de carreira do Exército Brasileiro e autoridades civis que, por sua dedicação e capacidade profissional, hajam prestado bons serviços ao Estado do Amazonas e em especial ao CIGS.

A Medalha também representa uma distinção ao Coronel **Jorge Teixeira de Oliveira**, ex-prefeito de Manaus na década de 1970. “**Teixeirão**”, como era conhecido, foi o

primeiro Comandante do CIGS, tendo realizado a escolha e a delimitação da área da sede do campo de instrução e a construção dos pavilhões que deram personalidade ao CIGS.

Homenagem dos Amazonenses

No dia 27 de fevereiro de 2014, a Assembleia Legislativa do Amazonas prestou homenagem ao CIGS pela passagem de seus 50 anos de atividades. Em uma sessão especial, o Deputado Estadual **Tony Medeiros** fez a entrega de uma placa comemorativa ao Comandante do CIGS.

Homenagem dos Manauaras

No dia 21 de março, a sociedade manauara, por intermédio da Câmara Municipal de Manaus, realizou uma homenagem ao CIGS pelos 50 anos de existência no Plenário **Adriano Jorge**, Paço Municipal dos Manaós. A sessão especial contou com a presença de vários pioneiros do CIGS, conhecidos carinhosamente por “Velhas Onças”. 🐾

Homenagem da Câmara Municipal de Manaus



Fonte: furacaodenoticias.com



Visita da Secretária de Estado de Educação de Minas Gerais ao CMBH



No dia 27 de agosto, o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva e Colégio Militar de Belo Horizonte recebeu a visita da Secretária de Estado de Educação de Minas Gerais, Senhora **Ana Lúcia Almeida Gazzola**, e sua comitiva.

Os visitantes foram homenageados durante a formatura geral, onde o Cel **Nilton José Batista Moreno Júnior**, Comandante do CPOR/CMBH, destacou a satisfação de poder apresentar à Secretária os trabalhos realizados pelo estabelecimento de ensino, no tocante à educação.

Em suas palavras, dirigidas aos professores, servidores civis e militares da organização militar, a Secretária enfatizou:

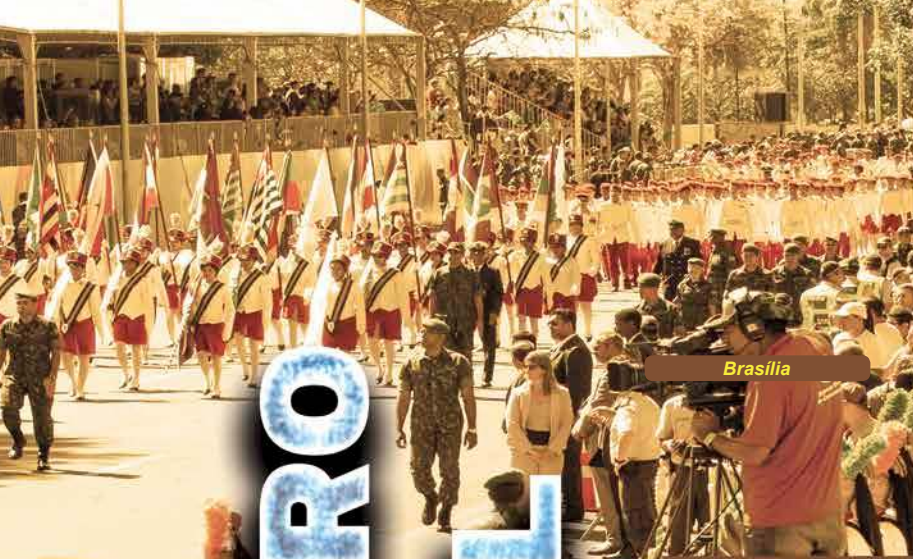


“Quero manifestar a vocês o meu sentimento, o privilégio que vocês têm de estudar numa das melhores escolas de educação básica do nosso País.

Os indicadores de desempenho escolar que temos aqui são a utopia e o caminho que queremos percorrer e o horizonte que queremos atingir em toda a educação pública de Minas Gerais e do Brasil. (...). Quero falar da esperança que nós, da geração que completa seu percurso, temos em vocês. Mais do que a esperança, a certeza que temos, de que o melhor da nossa sociedade está aqui. Caberá a vocês conduzir esta sociedade a melhores tempos, construir a justiça social, restaurar o respeito aos valores da Pátria; porque nenhuma sociedade, sem respeito às suas tradições, a seus antecessores, a todas as gerações que a precederam, poderá construir o futuro nas ações do presente sem o respeito ao passado e à trajetória nacional. Por isto, formar-se aqui é formar-se de maneira plena, é formar-se intelectualmente e, principalmente, forma-se humanamente(...).”/ 🐣



7 DE SETEMBRO PELO BRASIL



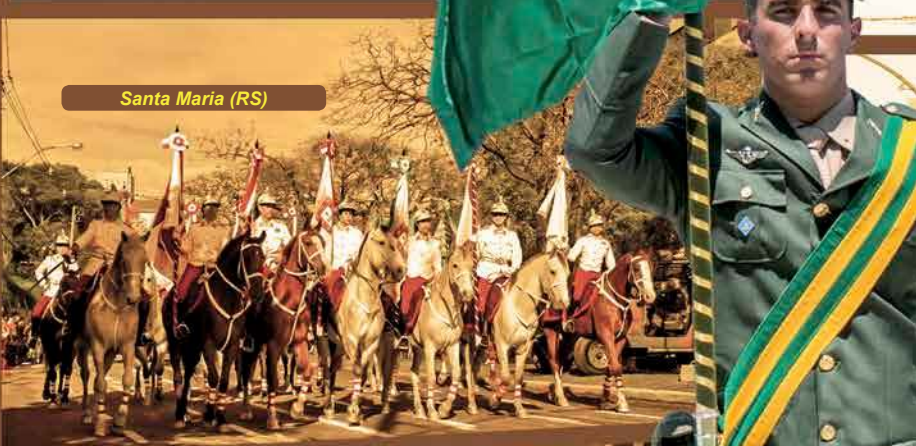
Brasília

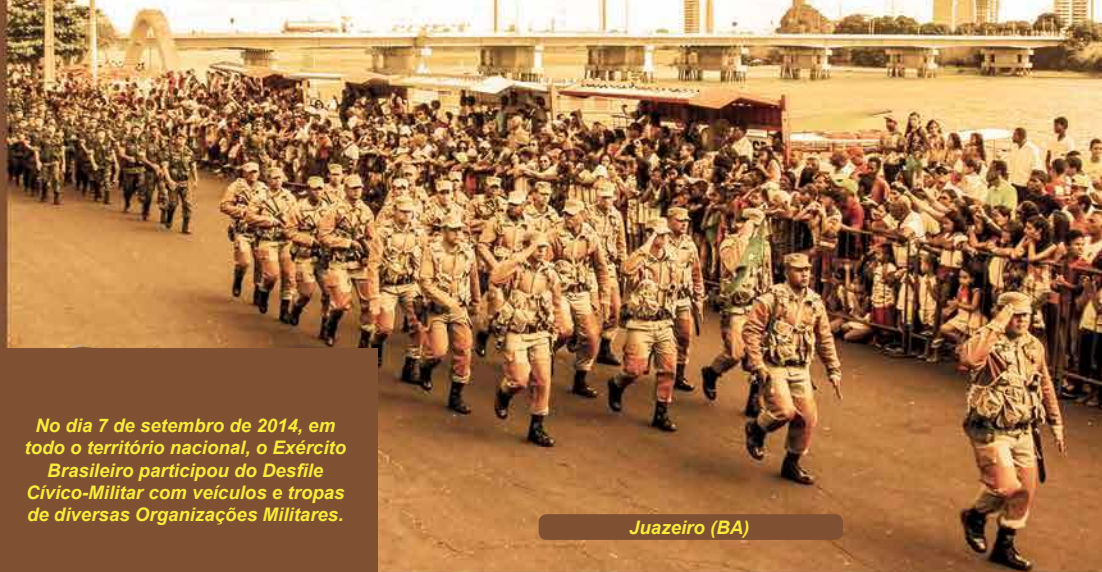


Curitiba



Santa Maria (RS)





No dia 7 de setembro de 2014, em todo o território nacional, o Exército Brasileiro participou do Desfile Cívico-Militar com veículos e tropas de diversas Organizações Militares.

Juazeiro (BA)



Rio de Janeiro



Campos dos Goytacazes (RJ)



São Paulo



Bento Gonçalves (RS)



COMANDO MILITAR DO NORTE: AMAZÔNIA ORIENTAL

PROTEGIDA

Com a missão de proteger a Amazônia Oriental brasileira, multiplicando as ações do Exército Brasileiro nesta região de importância estratégica e econômica para o Brasil, foi criado o Comando Militar do Norte, com sede em Belém e com área de responsabilidade que engloba os estados do Pará, Amapá e Maranhão.



Histórico

A primeira organização militar (OM) a ocupar as instalações do Quartel-General Integrado (QGI), em Belém, foi a 2ª Região de Inspeção Permanente, em 27 de março de 1909, conforme Lei n.º 1860, de 4 de janeiro de 1908. Posteriormente, em 23 de fevereiro de 1915, esta OM passou a denominar-se 1ª Região Militar. Após esse período, em 11 de dezembro de 1919, transformou-se em 7ª Região Militar, sendo alterada para 8ª Região Militar (8ª RM) em 22 de janeiro de 1923.

Em 27 de outubro de 1956, a 8ª RM foi transformada em Comando Militar da Amazônia e, em 1º de julho de 1969, passou a denominar-se Comando da 8ª Região Militar. No ano de 1992, foi criado o Comando Militar do Norte e 8ª Região Militar, tendo sido transformado, novamente, para 8ª RM, em 3 de abril de 1995. A seguir, em 1º de abril de 2004, em decorrência de nova transformação, foi criada a 8ª Região Militar e 8ª Divisão de Exército, denominação que vigorou até 2013, quando retornou a 8ª RM.

Com a crescente necessidade da Força Terrestre em empregar material e pessoal nas áreas de interesse estratégico do Brasil, foi elaborado o Processo de Transformação do Exército, em cumprimento às diretrizes contidas na Estratégia

Nacional de Defesa, que preveem o adensamento das OM na Região Amazônica e na faixa de fronteira. Com o objetivo de operacionalizar a concepção estratégica para a Região Norte do Brasil e a proteção da foz do Rio Amazonas, o Estado-Maior do Exército (EME), por meio da Portaria nº 148-EME, de 30 de julho de 2013, instituiu a Diretriz para a Implantação do Comando Militar do Norte (CMN). Ao ser implantado, o CMN passou a utilizar as instalações do QGI junto com a 8ª RM.

Solenidade de ativação do CMN



Foto: Sgt Ronald

Desbravamento da Amazônia

A cidade de Belém teve sua origem em 12 de janeiro de 1616, quando uma expedição enviada pela Coroa Portuguesa ancorou na Baía do Guajará e fundou o Forte do Presépio. Em uma dessas embarcações estava o Alferes **Pedro Teixeira**, militar, navegador e desbravador português que muito contribuiu para a conquista da Região Amazônica brasileira.

Hoje, o Estado do Pará destaca-se por ter o segundo maior parque industrial da Amazônia. Possui os portos mais próximos da Europa e dos Estados Unidos, sendo o Porto de Belém o principal movimentador de contêineres da Amazônia. É a partir de Belém que se chega à Ilha de Marajó, a maior ilha do Brasil e a maior ilha flúvio-marítima do mundo, localizada na foz do Rio Amazonas.



Vista da Baía do Guajará e Forte do Presépio

Objetivos da implantação

A implantação do CMN está de acordo com a consecução do Objetivo Estratégico do Exército de contribuir com a dissuasão extrarregional, da estratégia de ampliação da capacidade operacional, da Ação Estratégica de Reestruturação da Força Terrestre, que tem por base os conceitos de consciência situacional, flexibilidade, modularidade, elasticidade, organização por tarefas, centralização seletiva e a descentralização dos meios, com uso intensivo de tecnologia da informação e comunicações.

O CMN foi criado para multiplicar as ações do Exército na Amazônia Oriental brasileira. Seus objetivos são: aumentar a capacidade operacional e o gerenciamento administrativo; desonerar o Comando Militar da Amazônia e o Comando Militar do Nordeste de encargos de comando, operacional, logístico, territorial e administrativo no Pará e Amapá, e no Maranhão, respectivamente; harmonizar a jurisdição militar do Exército com a da Marinha e a da Aeronáutica na área; e proporcionar melhores condições de emprego da Força Terrestre, em face do espaço geoestratégico da foz do Rio Amazonas.

Missão e Área de Responsabilidade

O CMN tem a missão de proteger a Amazônia Oriental brasileira, promovendo a Garantia da Lei e da Ordem; apoiando na execução de obras e serviços de engenharia; cooperando com órgãos federais na repressão aos crimes de repercussão nacional e internacional; atuando, por meio de ações preventivas e repressivas na faixa de fronteira terrestre contra delitos transfronteiriços e ambientais, isoladamente ou em coordenação com outros órgãos do Poder Executivo, realizando, dentre outras, as ações de patrulhamento, revista de pessoas, de veículos terrestres, de embarcações e de aeronaves; e prisões em flagrante delito.

O Decreto Presidencial que dispõe sobre a reorganização das áreas de jurisdição dos Comandos Militares de Área e das Regiões Militares no Exército Brasileiro definiu para o CMN uma área de responsabilidade de 1,73 milhões de km², que engloba três estados (Pará, Amapá e Maranhão) e faz fronteira com a Guiana Francesa, o Suriname e a Guiana. Toda a área sob a jurisdição representa mais de 20% do território nacional; 16,3% do litoral brasileiro; 9% da população e 4% do Produto Interno Bruto do País.

Para cumprir sua destinação, esse Grande Comando Operacional passou a adotar a seguinte composição de meios: o Comando do CMN, a 8ª RM e a Base de Administração e Apoio/CMN, que compõem o Quartel-General Integrado (Belém); a 23ª Brigada de Infantaria de Selva (Marabá/PA); o 2º Batalhão de Infantaria de Selva (Belém); o Comando de Fronteira Amapá/34º Batalhão de Infantaria de Selva (CFAP/34º BIS) (Macapá); e o 24º Batalhão de Infantaria Leve (24º BIL) (São Luís).



Foram acrescidos à responsabilidade da 8ª RM quatro Tiros de Guerra (Bacabal, Caxias, Codó e Pedreiras, todos no Maranhão), além da 27ª Circunscrição de Serviço Militar (São Luís), e das Delegacias e Juntas de Serviço Militar anteriormente subordinadas à 10ª Região Militar. Para fim de proteção integrada, a região conhecida como “Bico do Papagaio” (municípios de Wanderlândia, Babaçulândia e Xambioá, no Tocantins) está sob o encargo do CMN.

Vale destacar, na área de responsabilidade do CMN, sítios históricos como os Fortes do Presépio (Belém) e de Santo Antônio dos Pauxis (Óbidos/PA); além da Fortaleza de São José do Macapá (Macapá).

Atividades Desenvolvidas

Na Amazônia Oriental, a rede de transporte é multimodal, fazendo com que as ligações dentro da área de responsabilidade do CMN sejam realizadas por meio fluvial, terrestre e aéreo. Articula-se em uma área de selva e também urbana, com a presença de rios navegáveis e estradas de difícil conservação. Apresenta características peculiares: área extensa, vários biomas, diferentes tipos de relevo, múltiplas facetas sociais e um clima imprevisível. Tudo isto exige da tropa um estado de adestramento ímpar, deixando os militares prontos para qualquer missão, nas mais difíceis circunstâncias.

Transporte de material de Belém para Itaituba (PA)



Foto: acervo do 53º BIS

Em cumprimento à sua destinação, o CMN vem realizando inúmeras operações coordenadas pelo Ministério da Defesa, junto com as Forças Singulares e diversos órgãos, que visam à segurança, ao bem-estar e à proteção da sociedade brasileira. Em ambiente de operações interagências, os interesses e os esforços convergentes possibilitam a consecução de objetivos comuns, em um espaço no qual cada instituição pode cumprir sua tarefa constitucional com mais segurança e apoio.

Operação de patrulhamento em conjunto com a Marinha em Clevelândia do Norte (AP)



Nesta curta existência, podem-se destacar as Operações Hileia Pátria, Tapajós, Transamazônica, Awá Guajá, Imperatriz e Rurópolis; o apoio ao Grupo de Trabalho do Araguaia e o apoio nas enchentes de Altamira e Marabá (PA); a segurança de autoridades e à Presidenta da República; e a Operação Jacareacanga, em apoio à Força Aérea Brasileira (FAB) na busca de aeronave. Os principais exercícios de adestramento foram as Operações Terra do Meio, Salvaterra, Cachimbo, Marajó, Iriri e Tucunaré. Ainda em 2014, ocorrerão uma nova fase da Operação Hileia Pátria; a Operação Ágata 8 (em conjunto com órgãos de segurança e agências do Estado); e a Operação Eleições.



Operação Hileia Pátria, apoio ao IBAMA contra o desmatamento ilegal

Nesse cenário, o 2º Batalhão de Infantaria de Selva demonstrou sua capacidade logístico-operacional durante a Operação Awá Guajá, que ocorreu no ermo interior do Maranhão durante 120 dias. Nesse longo período, não houve nenhum acidente ou incidente, tendo a Unidade apoiado órgãos que cooperavam na preservação da Terra Indígena Awá. Também opera em tempo integral o CFAP/34º BIS, com área de responsabilidade no Amapá. Na Operação Ágata, o CFAP é o centro de gravidade da Área de Operações Norte. As demais OM são igualmente exigidas, como, por exemplo, o 24º BIL, que apoiou a segurança da Copa do Mundo em Fortaleza, entre os meses de maio e julho.



Operação Awá-Guajá, apoio logístico na desintração de terra indígena em área do Maranhão

Outras atividades relevantes são as Reuniões de Cooperação e Intercâmbio Militar e os Exercícios Bilaterais com membros das Forças Armadas dos países amigos limítrofes (Guiana Francesa, Suriname e Guiana).

Na logística, ressaltam-se fatores críticos típicos da Amazônia: condições precárias de estradas e pontes; rios encachoeirados (Rio Oiapoque); necessidade de apoio da FAB para Tiriós (PA) e Clevelândia do Norte (AP); insuficientes cartas náuticas precisas; regime dos rios (variação do leito e riscos para a navegação); distância dos grandes centros produtores (Sul e Sudeste); necessidade de meios fluviais de média e grande capacidades; e clima quente e úmido.

**Atividade de suprimento ultrapassando a Cachoeira Gran Rochelle
Destacamento Vila Brasil (AP)**



Foto: acervo do Destacamento Vila Brasil

Nas ações subsidiárias, o CMN está em permanente interação com a sociedade, apoiando, sempre que necessário, com ações cívico-sociais (ACISOS) em comunidades ribeirinhas e indígenas, estendendo a mão amiga à população nos momentos de catástrofe e nas inúmeras solicitações de esferas pública e privada.



ACISO no 1º Pelotão Especial de Fronteira de Tiriós (PA)

Projeto de implantação

O custo estimado do Projeto de Implantação do CMN é da ordem de R\$ 84.000.000,00 (oitenta e quatro milhões de reais) e está dividido em três fases, com finalização prevista para o ano de 2018.

A primeira fase foi concluída em março de 2014. Consistiu nos seguintes passos: reconhecimento da Guarnição de Belém pelo Comandante CMN, pelo Chefe do Estado-Maior do CMN e por representantes da 7ª Subchefia do EME e do Departamento de Engenharia e Construção (DEC); definição dos locais de funcionamento do núcleo do CMN; adequação das instalações existentes em Belém para o funcionamento provisório do Quartel-General do CMN; adequação dos Próprios Nacionais Residenciais (PNR) da Guarnição, a fim de atender às novas demandas; elaboração de um Plano Diretor para a Guarnição de Belém; transformação da 8ª Região Militar/8ª Divisão de Exército em 8ª RM; transformação da Companhia de Comando/8ª RM em Base de Administração e Apoio/CMN; levantamento das necessidades em recursos humanos e materiais, e propostas de Quadro Organizacional (Quadro de Cargos/Quadro de Cargos Previstos, Quadro de Distribuição de Material/QDMP), para o Comando (Cmnd) do CMN, Cmnd 8ª RM e B Adm Ap/CMN; início dos estudos para a transformação e a criação das OM necessárias para atender à composição do CMN.

Até a construção do aquartelamento, o Cmnd CMN compartilhará, com o Cmnd 8ª RM, o QG e os meios disponíveis em pessoal e material, anteriormente do Comando da 8ª RM/8ª DE, acrescidos daqueles julgados indispensáveis.

A segunda fase, em andamento, vai de 2014 a 2017 e tem como metas: construção, prioritariamente, de PNR e da infraestrutura necessária para a construção dos aquartelamentos; e continuidade da adequação das instalações existentes.

Nessa fase, além de serem alocados os recursos humanos e materiais próprios para o Cmdo CMN, Cmdo 8ª RM, B Adm Ap/CMN e outras OM, encontra-se, em implantação, o projeto de criação da Brigada da Foz do Amazonas, em Macapá, e da Companhia de Comunicações de Selva, além de serem propostas as transformações das seguintes OM: 41º Centro de Telemática em 41º Centro de Telemática de Área; 5ª Companhia de Guarda em 5ª Companhia de Polícia do Exército; 8º Depósito de Suprimento em 8º Batalhão de Suprimento; e Hospital-Geral de Belém em Hospital Militar de Área de Belém.

A terceira e última fase ocorrerá a partir de 2018, com a ocupação das novas instalações e a ativação plena do CMN.

Microcentral Hidrelétrica de Tiriós

A implantação do 1º Pelotão Especial de Fronteira (1º PEF) do 2º BIS iniciou-se em 1985 e ainda hoje não foi finalizada. Localizado em Tiriós, na Terra Indígena Parque do Tumucumaque, no noroeste do Pará, o Pelotão dista oito quilômetros da fronteira com o Suriname. Atualmente, o fornecimento de energia elétrica é feito por grupo-gerador, causando dependência de apoio aéreo para o transporte de combustível. Assim, energia estável, perene e segura é o principal empecilho para que o 1º PEF se torne autônomo.

Desse modo, o CMN emitiu uma Diretriz de Implantação do Projeto de Construção da Microcentral Hidrelétrica de Tiriós, que está em fase de abertura de licitação e prevê a conclusão das obras para novembro de 2016.



Foto: acervo do 1º PEF/2º BIS

Contatos com as lideranças indígenas para construção da MCH Tiriós



Deslocamento através selva realizado pelo 23º Esq Cav SI

Estruturas estratégicas

No Pará, existem estruturas estratégicas de relevo para o País, com destaque para as Usinas Hidrelétricas de Tucuruí e de Belo Monte, além da Província Mineral de Carajás. Tucuruí situa-se no sudeste paraense e possui a maior usina hidrelétrica totalmente brasileira e a quarta do mundo em capacidade de geração de energia, devido ao grande potencial do rio Tocantins. Nesse município encontra-se o 23º Esquadrão de Cavalaria de Selva que está em condições de realizar a defesa dessa importante área brasileira.

Herdeiros das tradições de Pedro Teixeira, os profissionais do CMN, de ontem e de sempre, cultuando a mística do melhor Combatente de Selva do mundo, têm a responsabilidade de continuar o trabalho de seus antecessores na proteção da Amazônia Oriental brasileira.

“[...] Dai-nos hoje da floresta,
A sobriedade para persistir.
A paciência para emboscar.
A perseverança para sobreviver.
A astúcia para dissimular.
A fé para resistir e vencer.
[...]”

(Trecho da Oração do Guerreiro de Selva)



Exercício do 23º Esq Cav SI no lago da represa hidrelétrica de Tucuruí

Foto: acervo do 23º Esq Cav SI

AS CONTRIBUIÇÕES DA 1ª GUERRA MUNDIAL PARA A ARTE DA GUERRA

Autor: Cel Inf e EM, Ref, Manoel Soriano Neto

Linha de trincheira francesa utilizando periscópio na observação inimiga

Fonte: <http://commons.wikimedia.org>

Breve recorrência histórica

A 1ª Guerra Mundial (I GM), também chamada, até à eclosão da II GM, de “Grande Guerra”, “Guerra das Guerras”, “Guerra para Acabar com Todas as Guerras”, “Guerra de Trincheiras” e “Guerra de Posições”, teve início em 1914, há cem anos, portanto, e, neste ano de 2014, está sendo bastante revisitada por periódicos midiáticos, especialmente jornais e revistas. Tudo começou com o assassinato, em Sarajevo (capital da província austríaca da Bósnia Herzegovina), do arquiduque e herdeiro do Império Austro-Húngaro **Francisco**

Ferdinando e de sua esposa, a duquesa **Sofia**, por um

jovem nacionalista sérvio, em 28 de junho de 1914. Tal fato fez com que o dito Império enviasse um inaceitável ultimato à

Sérvia, acusada de mandante dos assassinatos, país a quem declarou guerra e tentou invadi-lo, em 29 de julho, sendo repellido. Vários outros ultimatoss em cadeia (todos

considerados descabidos e não aceitos) foram enviados, de país a país, no mês de julho, chamado de “estágio de pré-beligerância”. Em 30 de julho, a Rússia – aliada da Sérvia, máxime pelo sentimento do “pan-eslavismo” –, decreta a mobilização militar. Dois dias depois, em 1º de agosto, os alemães declaram guerra à Rússia e, no dia 3, à França, dando início às operações militares. No dia 4, a Alemanha invade a Bélgica, um país neutro, e, por isso, o Império Britânico se junta aos “Aliados”, entrando no conflito. Em 23 de agosto, é a vez de o Japão declarar guerra à Alemanha. No dia 1º de novembro, o Império Turco-Otomano alia-se ao Império Alemão (propugnador do “pan-germanismo”) e ao Império Austro-Húngaro. Posteriormente, em 1917, os EUA vêm a participar da beligerância, ao lado dos Aliados, o que dá dimensões planetárias à

guerra, que, *ipso facto*, se chamou de “Mundial”, até porque se alastrou pelas colônias dos Impérios, em outros continentes. Assim, se formaram dois blocos ou coalizões: de um lado, os Aliados, integrantes da “Tríplice Entente” ou “Entente Cordiale” (coalizão inicialmente formada por Inglaterra, Rússia e França) e depois o Japão; posteriormente, a Itália (em 1915) e os Estados Unidos (em 1917) e mais 18 países de menor expressão, entre eles o Brasil, se juntam à Tríplice Entente. E do outro, a “Tríplice Aliança” ou “Impérios Centrais”: o Império Alemão, o Império Austro-Húngaro e a Itália (que, em 1915, muda de bloco, e declara guerra ao Império Austro-Húngaro), o Império Otomano e a Bulgária. Relembre-se que o Brasil, inicialmente neutro, também declarou guerra aos Impérios Centrais, em 26 de outubro de 1917, motivado pelo afundamento, em águas internacionais, de vários navios mercantes. Enviamos à Europa, passando por Dakar, uma Divisão Naval de Operações de Guerra (DNOG), uma Missão Médica, um grupo de oficiais observadores e um outro, de aviadores.

A guerra (que teve a duração de quatro anos, de 1914 a 1918) deixou um trágico saldo de mais de 8,5 milhões de mortos, 21,2 milhões de feridos e 7,7 milhões de prisioneiros de guerra e desaparecidos (dados dos relatórios dos Aliados, havendo divergências numéricas, de pouca monta, com outros apresentados por historiadores de tomo).

Ressalte-se, para melhor entendimento deste trabalho, a grande importância para a conflagração mundial (de proporções totais e globais), ora em comento, da chamada “2ª Revolução Industrial”, que se iniciou na década de 1880, quando ocorreu o amplo emprego de novas tecnologias, da eletricidade e do vapor, além da industrialização do ferro, do aço e das ligas metálicas, fato de exponencial relevância para a indústria de material bélico dos litigantes.

Soldados franceses com sua posição nas ruínas de uma igreja perto das metralhadoras de Marne, repelindo o ataque dos alemães — 1918

Objetivo deste Estudo

Não é escopo deste sintético estudo, a análise dos antecedentes, das causas e consequências da guerra, de seu faseamento, dos teatros de operação, das principais frentes e manobras, das batalhas, de seus comandantes, etc. Tantos já o fizeram de forma percuciente e fidedigna. Desejo, tão somente, trazer à consideração dos leitores, de maneira perfunctória, aspectos/fatores estritamente militares da I GM, que muito contribuíram para a evolução da Arte da Guerra.

Quando, há pouco, revirava os meus alfarrábios dos tempos em que fui instrutor/professor de História Militar na AMAN (de 1983/87), encontrei um minucioso e robusto plano de aula acerca da I GM, que continha excelentes registros. Esta guerra se constituiu em um magnífico campo de inovações e provas em relação a todas as guerras até então travadas pela humanidade. Ela trouxe relevantíssimas contribuições para a expressão militar do poder nacional de todos os países e produziu inigualável gama de material bélico. Por isso é que decidi sintetizar o referido plano de sessão, a fim de repassar os principais ensinamentos para a Arte da Guerra, originados daquele conflito (um verdadeiro estágio entre a Guerra de Secessão Norte-Americana e a II GM), particularmente para os militares. A matéria ficou dividida em quatro partes: Introdução; Relevantes Aspectos Militares da Guerra; Contribuições para a Evolução da Arte da Guerra e Apreciações Finais, todas bastante imbricadas.



Fonte: <http://commons.wikimedia.org>

Relevantes Aspectos Militares da Guerra

– Utilização ampla do transporte ferroviário, em especial pela Alemanha, com vistas à mobilização do país, e, posteriormente, em operações de guerra.



– Uso do transporte automóvel (motorizado) em complemento ao ferroviário, avultando de importância o emprego do caminhão.



– Mobilização muito bem preparada, com minucioso e prévio planejamento e larga utilização do transporte ferroviário, particularmente na Alemanha.

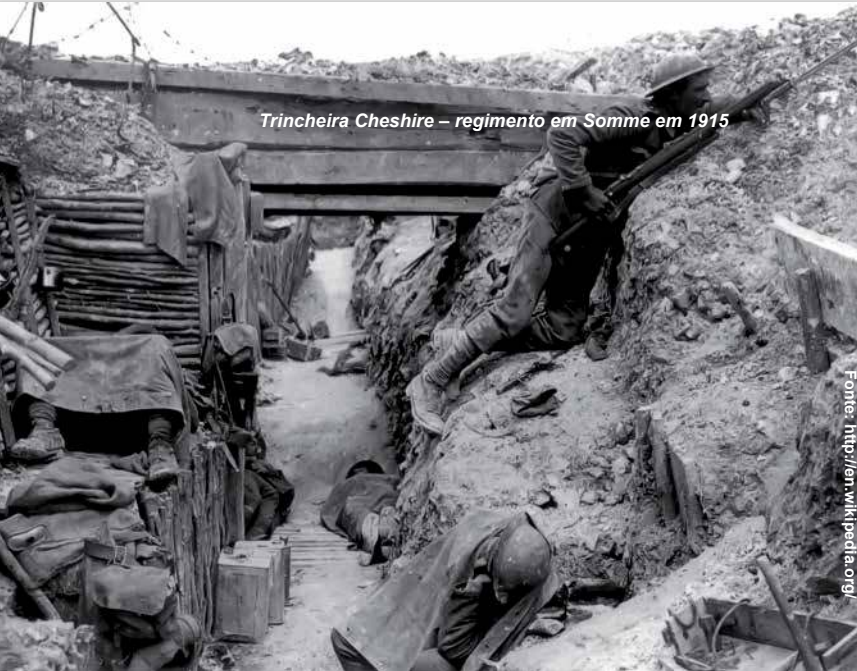
– Intensivos e constantes trabalhos de judiciousa

Tanque britânico Mark I

Fonte: blogs.iwm.org.uk



preparação e ocupação do terreno (chamados, no jargão militar, de Organização do Terreno (OT): trincheiras, sapas, abrigos, posições de tiro, etc, agravados pelo uso do cimento armado, redes de arame farpado, obstáculos, etc, caracterizando a prevalência das operações defensivas. Daí a expressão, assaz utilizada, de que a I GM foi uma guerra de trincheiras, guerra de posições ou guerra das metralhadoras, do arame farpado e do cimento armado. A vida nas trincheiras, construídas inicialmente de forma muito rudimentar (com adobe e galhos de árvore entrelaçados para a escora das paredes), ocasionou o surgimento de seríssimos problemas médico-sanitários (que perduraram, mesmo depois que tais construções se aperfeiçoaram com o emprego do cimento armado), como o pé de trincheira, por causa do frio, da lama e dos frequentes alagamentos pelas chuvas. Elas, as trincheiras, eram infestadas de ratos e insetos peçonhentos e várias doenças proliferavam, como o tifo – cujo maior transmissor eram os piolhos –, em face, principalmente, da falta de higiene, em particular nos primeiros anos da guerra, o que redundava na remoção, para a área de retaguarda, de inúmeros combatentes. Com o passar do tempo, as trincheiras se “transformaram em sofisticadas posições defensivas, com a existência de refúgios (pequenos espaços para finalidades diversas), corredores em ziguezague, posições à retaguarda, em decorrência da concentração de tropas e do tiro de Artilharia e morteiros, depósitos para suprimentos e munição, setores de tiro bem instalados e com espaldões em diferentes níveis de altitude para a realização eficaz dos fogos (eram os chamados degraus de tiro), etc, etc. A maior parte dessas formidáveis posições, já a partir do segundo ano do conflito, proporcionava relativas condições de vida, havendo, nos refúgios, exíguos alojamentos, salas de reunião, etc. Diga-se que, entre as linhas de trincheiras dos beligerantes, havia uma grande faixa do terreno, tomada por obstáculos de toda natureza, como minas terrestres, abatizes, gigantescas crateras, extensas linhas de redes de arame farpado, etc, e batida por fogos, em especial das metralhadoras, chamada “terra de ninguém”, só ultrapassada, com sangrentos sacrifícios, nas raras manobras ofensivas que os dois lados empreendiam, com a finalidade de ruptura do sistema defensivo do inimigo.



A França chegou a construir, com o auxílio das engenharias civil e militar, um poderoso e muito extenso sistema de fortificações, em uma enorme frente que englobava várias posições fortificadas, no eixo **Belfort-Epinal-Nancy-Toul-Verdun**.

– O emprego das operações noturnas, nas ações táticas de infiltração.

– O uso intensivo, nas operações, de meios de telecomunicações, como os telefones e a radiotelegrafia, além da fotografia – facilitada pelo emprego do avião –, intensificando-se as ligações entre os comandantes e suas tropas. Acrescente-se que por causa dos bombardeios às ferrovias e estradas, que ocasionavam a destruição das linhas telegráficas e telefônicas, os pombos-correio ainda eram amiúde empregados.

– Relevância da utilização das metralhadoras, que foram incorporadas às pequenas frações da Infantaria para as ações ofensivas de combate (fogo, movimento e ação de choque),



Uma linha de tropa vista em silhueta no seu caminho para substituir a linha de frente, durante a Batalha de Passchendaele

a defesa das trincheiras, a varredura pelo fogo, da “terra de ninguém” e para as operações de ruptura das linhas do inimigo. Consigne-se, por ilustração, que essas armas automáticas foram empregadas, inicialmente, na Guerra de Secessão dos EUA (1861/65) e consagradas na Guerra Russo-Japonesa (1904/05). Imprescindíveis no curso da guerra, como ressaltam todos os historiadores militares, foram aperfeiçoadas, juntamente com os fuzis, quanto à precisão, ao alcance e à rapidez dos tiros.

– A utilização sistemática da granada de mão (inventada em 1904 e provada na Guerra Russo-Japonesa de 1904/05), artefato, à época, bastante avançado para emprego em combate (diga-se que, após 1915, muitas delas eram recheadas de gases venenosos: eram as granadas de gás, ou químicas). As granadas não eram apenas as de mão: elas também foram acopladas aos fuzis, aumentando o seu alcance de lançamento.

– Emprego, em larga escala e com longas preparações de tiro, da Artilharia Pesada (material de grosso calibre, como o obuseiro de 210 mm, raído e de carregamento pela culatra), proporcionando a supremacia de fogos. Foi buscada uma maior ligação da Artilharia com as Armas de Infantaria e Cavalaria. Houve a necessidade de aprimoramento do tiro indireto de Artilharia e dos morteiros, com a judiciosa utilização de observatórios e postos de observação (PO) e o uso sistemático de meios radiotelegráficos de ligação/comunicação; e do avião, para a condução, por via aérea, dos fogos longos e profundos. Também advieram as Artilharias Antiaérea e Anticarro para se contrapor ao ainda incipiente emprego dos aviões e dos carros de combate (tanques) – depois de seu surgimento nos campos de batalha, nos anos de 1916 e 1917.

– O avião, já testado de forma pioneira, como arma de guerra, na Guerra Ítalo-Turca, de 1911, foi utilizado na I GM, basicamente, nos reconhecimentos, mapeamento do terreno, na observação e condução dos tiros de Artilharia e na fotografia aérea. Os Aliados constituíram os Corpos de Aviadores que muito contribuíram para o êxito das operações, mormente no final da guerra, contra as trincheiras e posições defensivas fortificadas. Diga-se que, nos primeiros momentos do confronto, os dirigíveis é que lançavam bombas sobre as grandes cidades; somente nos anos finais da conflagração é que o avião foi usado, de forma eficaz, nas operações (aviação de caça e bombardeio).

– As operações ofensivas foram buscadas, principalmente nos dois últimos anos da guerra, requerendo, entre outras providências, uma meticulosa mobilização, a utilização dos transportes ferroviário e automóvel (como os caminhões



e veículos menores), a dispersão dos combatentes e as imprescindíveis ligações Infantaria-Artilharia-Avição. Mas é mandatório que se assinala que a metralhadora foi o **primus inter pares** das armas da guerra, em especial nas ofensivas do final do conflito.

Contribuições para a Evolução da Arte da Guerra

– O emprego em massa, de gases tóxicos, ditos gases de combate ou gases químicos, como o gás-lacrimogêneo, o gás-mostarda, o gás-cianídrico e outros, além de agentes como o cloro e o fosgênio, visando à ruptura dos dispositivos inimigos. Os alemães usaram os gases contra os franceses, nas duas primeiras batalhas de Yprês (batalhas de Flandres), na Bélgica, em 1914 e 1915, sendo fabricadas, em consequência, por franceses e ingleses, as primeiras máscaras contra gases para homens e animais. Outrossim, teve início a evolução técnica da Guerra Química, Bacteriológica e Radiológica (Guerra QBR), de grande importância futura.

– O advento dos carros de combate (tanques de guerra), inventados e empregados, precursoramente, pelos ingleses, nas batalhas do Somme e de Cambrai, ambas em território francês, nos anos de 1916 e 1917, respectivamente (nesta última batalha, os carros atacaram em massa, mas sem uma prévia preparação de Artilharia...). Anote-se, por mera ilustração, que os primeiros Carros de Combate foram chamados pelos ingleses de **tanks** (tanques), um veículo blindado que transportava água, a fim de iludir os inimigos e a espionagem. Os primeiros tanques eram apelidados de “machos” quando armados com canhões e de “fêmeas”, os que somente possuíam metralhadoras e eram mais lentos e vulneráveis. No Brasil, foi adotada a nomenclatura francesa (**char de combat**, ou seja, carro de combate). Tal formidável arma de guerra, usada nas ações ofensivas, juntamente com a Infantaria (o binário Infantaria-Carros) visava romper e ultrapassar as trincheiras e posições fortificadas, sem ser imobilizada, particularmente pelo fogo das metralhadoras e pelas minas terrestres, mercê de sua blindagem, mobilidade e armamento. Apesar de sua eficácia não ter sido imediata, após as batalhas citadas, com o decorrer do tempo e na medida em que as blindagens se tornaram mais resistentes, o fim da guerra de trincheiras foi decretado e, na II GM, a notável combinação da aviação com os carros de combate foi fundamental para o sucesso da “**blitzkrieg**” alemã. Os carros de combate e os blindados, hodiernamente, possuem uma autonomia ímpar nos campos de batalha.

– O surgimento do lança-chamas, empregado pelos alemães, em 1916, na batalha de **Verdun**, na França. Arma terrível por seus efeitos destruidores e incendiários, cujo completo êxito só seria obtido quando da II GM.

– O advento das chamadas guerras submarinas, com o uso dos torpedos navais, e aérea. O submarino foi testado, inicialmente, na Guerra de Secessão dos EUA (1861/65) e o avião, como arma de combate, na Guerra Ítalo-Turca, de 1911.

– Ampla utilização dos transportes ferroviário e motorizado, este em menor escala, conforme abordado anteriormente.

– Racional organização dos escalões Divisão de Infantaria, com a finalidade de concentração de esforços de todas as Armas; Corpo de Exército e Exército (Ex).

– Instituição de um escalão de combate, internacional, o Grupo de Exércitos (GEx), em face do envolvimento, nas operações, de elevados contingentes de várias nações coligadas, visando a um coordenado e eficiente emprego de seus Grandes Comandos. Tal escalão teve capital importância quando da II GM.

– Modernização e intensa atividade dos Estados-Maiores (EM) para o planejamento das ações. Notáveis foram a eficiência, eficácia e efetividade dos trabalhos dos EM francês e alemão. Anote-se que o Exército Brasileiro muito se beneficiou com os ensinamentos trazidos pela Missão Militar Francesa, logo após o término da guerra, durante 20 anos (de 1920 a 1940).

– Criação de novas táticas para os pequenos escalões de combate. Destarte, foram constituídas as Companhias de Metralhadoras, nos Regimentos de Infantaria; surgiu o Grupo de Combate, dotado de uma arma automática, tendo em vista, basicamente, a ruptura das linhas inimigas e as operações de infiltração diurnas e noturnas; e os Pelotões de Infantaria foram reforçados com peças de morteiros leves de acompanhamento.

– O grande avanço da medicina militar – que tantos benefícios tem trazido, de há muito, para a ciência médica e para a humanidade. À época, não existiam os antibióticos, para o combate aos vírus e bactérias, as vacinas essenciais, nem um adequado saneamento básico. Os Aliados criaram, então, as Brigadas Sanitárias, com o visto de solucionar ou minimizar os gravíssimos problemas provocados pelas doenças e endemias que assolavam os que viviam nas trincheiras (pés de trincheira, tifo, febres, desintéria, etc, além da “gripe espanhola”, que grassou como uma pandemia, a partir de 1918). Tais brigadas, aquarteladas à retaguarda das posições defensivas, dispunham de hospitais de campanha, salas de cirurgia, banheiros, cozinhas, lavanderias, postos de desinfecção, etc e eram integradas por pessoal





altamente especializado em diversas áreas de saúde, inclusive a psiquiátrica. Novos conceitos e tratamentos para problemas psiquiátricos e psicológicos foram estabelecidos, como os relativos às neuroses e ao estresse pós-traumático. Digna de nota foi a incorporação de inúmeros barbeiros nas citadas brigadas, para o corte periódico dos cabelos dos combatentes e a raspagem de todos os pelos dos acometidos pelos piolhos; eles também auxiliavam os enfermeiros em atividades paramédicas. Em suma, as mencionadas brigadas foram responsáveis pelo fato de as baixas em combate, considerando-se apenas os Aliados, superassem, pela primeira vez na História Militar, as motivadas por doenças (consoante dados levantados pelo Exército Francês) e assaz contribuíram para a manutenção do moral das tropas.

– A utilização massiva da propaganda, em especial nas grandes cidades dos contendores (assinale-se que o nacionalismo era extremamente exacerbado nos países em beligerância), uma verdadeira arma de guerra, que, na II GM e posteriormente, se tornou imprescindível para as atividades das chamadas guerra psicológica e revolucionária/ideológica, que reforçam o moral da população e das tropas amigas e tentam minar o do inimigo. A propaganda, na I GM, tinha por objetivo maior, a sensibilização da opinião pública e dos cidadãos, em particular, para o alistamento militar: era a chamada “conquista dos espíritos” ou “compração das mentes”, com o uso repetitivo de inteligentes e apelativos **slogans**, motes e canções militares de cunho patriótico, em que os alto-falantes foram fundamentais. Aduza-se que os métodos usados eram tão somente propagandísticos, bem diferentes dos adotados, na Guerra da Coreia, pelos comunistas chineses, na cruel e desumana lavagem cerebral.

Apreciações Finais

– Na Iª GM, que seria “a guerra para acabar com todas as guerras”, a defensiva e o fogo predominaram sobre a ofensiva e o movimento, surgindo a necessidade de modernização dos trabalhos de Estado-Maior e de criação de novos escalões

de combate, como anteriormente salientado, como o “Grupo de Exércitos”. A guerra, em quase toda a sua duração, foi bastante estática, com longos períodos de estabilização das frentes, limitando-se os movimentos/deslocamentos à obtenção de brechas ou ao desbordamento das trincheiras. A batalha era linear, à procura das brechas, daí, repita-se, ser chamada de guerra de trincheiras ou de posições, sem a execução de grandes desbordamentos ou envoltimentos. O pensamento alemão, segundo princípios de **Clausewitz**, era o do término da conflagração por meio de uma “batalha decisiva”; a concepção estratégica francesa, cujo corifeu foi o General **Pétain**, era defensivista, ao depois chamada de “mentalidade **Maginot**”, em vista da construção pelos franceses, da “linha **Maginot**” – “*ici on ne passera pas*”, “aqui não se passará” –, ao que, mais adiante, se oporia o general **De Gaulle**, defensor das ações ofensivas.

– A Iª GM sofreu forte influência de três conflitos anteriores: a Guerra de Secessão dos EUA (1861/65), a Guerra Russo-Japonesa (1904/05) e a Guerra Ítalo-Turca, de 1911. Ela, além de mundial, envolvendo países de vários continentes, também foi total e global. Como a Guerra de Secessão Norte-Americana, a I GM foi uma guerra total (além de militar, também diplomática, econômica, política, psicológica, etc.), abrangendo todas as expressões ou campos do poder nacional das nações em beligerância e as suas populações civis; e, outrossim, global, no sentido espacial, pois foi tridimensional (terrestre, marítima – de superfície e submarina –, e aérea).

– Novas modalidades táticas provieram do conflito, em decorrência de petrechos de guerra nele empregados, como os carros de combate (tanques); os aviões; os submarinos e os torpedos; a Artilharia de maior calibre, inclusive antiaérea e anticarro; os gases tóxicos; os lança-chamas; as granadas de mão; as metralhadoras, etc; além das redes de arame farpado e do cimento armado, como já descrito, abrindo novos horizontes para a Arte da Guerra. Igualmente, de fundamental relevância, foram as ações benemerentes e de misericórdia, das brigadas sanitárias, trazendo significativo avanço para a medicina militar e a ciência médica, e as intensas atividades de Propaganda.

– Como arremate, gostaria de citar o notável historiador britânico, **Arnold Toynbee**, que sintetizou, em uma afirmação, qual foi a incontestável mudança geopolítica advinda da I GM: “O maior alcance da I GM foi a transferência do

Poder, da Europa, para os Estados Unidos da América”. 🇺🇸

Preparo do disparo de uma arma antiaérea na Batalha de Broodseinde-1917 (Biblioteca Nacional da Escócia)

Nossas OM:

12ª COMPANHIA DE GUARDAS

Desde 25 de outubro de 1993, data de sua criação, a 12ª Companhia de Guardas vem cumprindo missões de segurança, proteção e cerimonial na área do Comando Militar da Amazônia. A partir de 1º de janeiro de 2015, suas atribuições serão absorvidas pelo 7º Batalhão de Polícia do Exército, em decorrência da extinção da Companhia.

As tropas de guardas são compostas por granadeiros, considerados soldados de elite, que se firmaram no Exército Francês na época de **Napoleão Bonaparte**. Cada Regimento de Infantaria passou a incluir uma Companhia de Granadeiros, modelo que foi seguido posteriormente por grande parte dos exércitos da Europa.

Durante a Batalha de **Waterloo**, em 1815, três Batalhões de Guardas franceses foram cercados por tropas prussianas e receberam ordem de rendição. A fim de tentar salvar a vida do Imperador francês e reverter os rumos da batalha, o General **Cambonne**, líder dos granadeiros franceses, teria então afirmado: "A Guarda morre, mas não se rende", expressão que se perpetuou pelos séculos e foi adotada pelas tropas de guardas mundo afora.

A 12ª Companhia de Guardas (12ª Cia Gda), localizada na cidade de Manaus e subordinada ao Comando Militar da Amazônia, a exemplo das tropas de guardas do Exército Brasileiro, também é herdeira das tradições dos antigos granadeiros.

Histórico

A 12ª Cia Gda foi criada por meio da Portaria Ministerial nº 083-Reservada, de 25 de outubro de 1993, ficando aquartelada nas instalações da outrora Companhia de Manutenção do 12º Parque Regional de Manutenção e tendo como marco de sua ampliação e aniversário o dia 1º de novembro do mesmo ano.



Em 1994, incorporou seu primeiro Efetivo Variável, quantificado em 90 recrutas, para assim poder cumprir efetivamente suas atividades, principalmente no tocante à segurança das instalações militares da Guarnição de Manaus.

Em 2003, sofreu mudança de subordinação, da 12ª Região Militar para o Comando Militar da Amazônia (CMA).

Em 2005, depois que integrantes da Subunidade realizaram o Curso de Instrutor de Lutas na Escola de Educação Física do Exército (Rio de Janeiro), a 12ª Cia Gda passou a ser a responsável pelos Estágios de Área de Combate Corpo a Corpo e de Combate com Facas, no âmbito do CMA.



Naquela mesma época, tornou-se responsável pela condução dos Estágios de Área de Controle de Distúrbios e de Garantia da Votação e Apuração das Eleições para militares do CMA e das Forças Auxiliares de Segurança.



Pela natureza das atividades que realizou ao longo de sua história, a 12ª Cia Gda passou a ser conhecida como a “Sentinela do Comando Militar da Amazônia”.



Missão, Organização, Princípios e Valores

A 12ª Cia Gda contribui com o CMA, cumprindo as seguintes missões:

- participando de Operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO);
- provendo a segurança de instalações militares;



- realizando a proteção e a segurança de autoridades;
- conduzindo estágios de área no âmbito do CMA;
- formando o reservista de 1ª Categoria; e
- realizando cerimonial militar.



Sua estrutura organizacional sofreu alterações ao longo dos anos e atualmente possui o Comando, um Escritório de Gestão e Projetos, uma Seção de Comando, três Pelotões de Guarda e uma Seção de Serviços Gerais.

A cada dia, desde as atividades mais simples até as mais complexas, os comandantes, em todos os níveis procuram internalizar os princípios e valores inerentes à 12ª Cia Gda: hierarquia, disciplina, patriotismo, culto às tradições militares e ao espírito do “Granadeiro”, fé na missão elevada das Forças Armadas, espírito de corpo, amor à profissão, aprimoramento técnico-profissional, conduta moral e profissional irrepreensíveis e sentimento do dever.

Excelência Gerencial e Conquista do Programa Qualidade Amazonas

Ao longo de sua história, a Companhia passou a considerar a excelência gerencial como motor da operacionalidade da tropa. Em 2008, foi criada a Seção de Excelência Gerencial, que contava com uma força de trabalho de dois militares. Em

2013, esta Seção teve sua estrutura física e de pessoal reforçada, passando a se chamar Escritório de Gestão e Projetos, com um efetivo de três militares e estrutura de informática e pessoal capacitado.

Dentro da estrutura organizacional da Subunidade, o Escritório de Gestão e Projetos está diretamente subordinado ao Comando da Companhia e tem como escopo principal implantar as boas práticas da excelência gerencial, por meio da adoção de modernas ferramentas de qualidade. Visando à melhoria contínua dos processos organizacionais, ministra palestras de conscientização do público interno, realiza auditorias internas e controla os indicadores de desempenho e a capacitação da força de trabalho.

Ainda em 2013, a 12ª Cia Gda conquistou a Menção Honrosa do Programa Qualidade Amazonas (PQA), organizado pelo Sistema Federação das Indústrias do Estado do Amazonas (FIEAM), cujo objetivo é aumentar a qualidade e a produtividade das organizações do estado. A conquista desse prêmio afiançou, sem dúvida alguma, a busca pela excelência gerencial por cada integrante da subunidade.

Gestão Ambiental

Nos últimos anos, a questão da preservação ambiental ganhou destaque na sociedade brasileira. Nesse sentido, a partir de 2013, a 12ª Cia Gda elaborou o seu Plano de Gestão Ambiental, no qual existem ações relevantes que tratam da preservação do meio ambiente e que são disseminadas a todos os integrantes da Subunidade. Dentre essas ações, destacam-se a coleta seletiva de lixo, palestras internas sobre conscientização ambiental e o replantio de mudas nativas na área do aquartelamento.

Atuação na Copa do Mundo FIFA 2014

A atuação da 12ª Cia Gda na Copa do Mundo FIFA 2014 contemplou as vertentes de preparação das tropas do CMA e de reforço ao 7º Batalhão de Polícia do Exército (7º BPE).

Na vertente de preparação, coube o planejamento e a condução dos 1º e 2º Módulos Didáticos de Adestramento (MDA) das tropas. O 1º MDA focou as ações táticas de cada tropa, com ênfase nas operações de controle de distúrbios (OCD), escoltas de delegações e segurança de estruturas estratégicas. Não obstante, foram realizados estudos de casos esquemáticos, por parte dos quadros das organizações militares empregadas na Operação Copa.

O 2º MDA teve um caráter mais abrangente e se constituiu em um grande ensaio para o primeiro dia de jogo. Nessa ocasião, o Centro de Operações do CMA pôde verificar as condições logísticas das tropas e a interação com os órgãos de segurança pública e com o COL FIFA, que também participaram do exercício.

Além disso, a 12ª Cia Gda forneceu um pelotão de guardas para o 7º BPE, compondo a Força de Contingência Manaus. Tal reforço pode ser considerado como um fato precursor da futura extinção da Subunidade.



Extinção e Incorporação ao 7º BPE

A extinção da 12ª Cia Gda e a sua incorporação ao 7º BPE estão previstas para o dia 1º de janeiro de 2015. Esse processo, no contexto da implantação do 7º BPE, visa ao atendimento do que está previsto no Plano Estratégico do Exército (PEEx 2015-2018).

A junção das organizações militares reunirá os meios de polícia, escolta e guarda atualmente existentes em Manaus sob o comando do 7º BPE, propiciando maior sinergia e racionalização no preparo e emprego desses meios.

Indubitavelmente, a capacidade operacional do 7º BPE, com a incorporação dos meios humanos e materiais da 12ª Cia Gda, aperfeiçoará a estrutura de apoio às operações de GLO, interagências e ações subsidiárias na área do CMA. A fim de preservar os valores e a memória institucional da 12ª Cia Gda, todo o seu acervo histórico será também transferido para o 7º BPE.

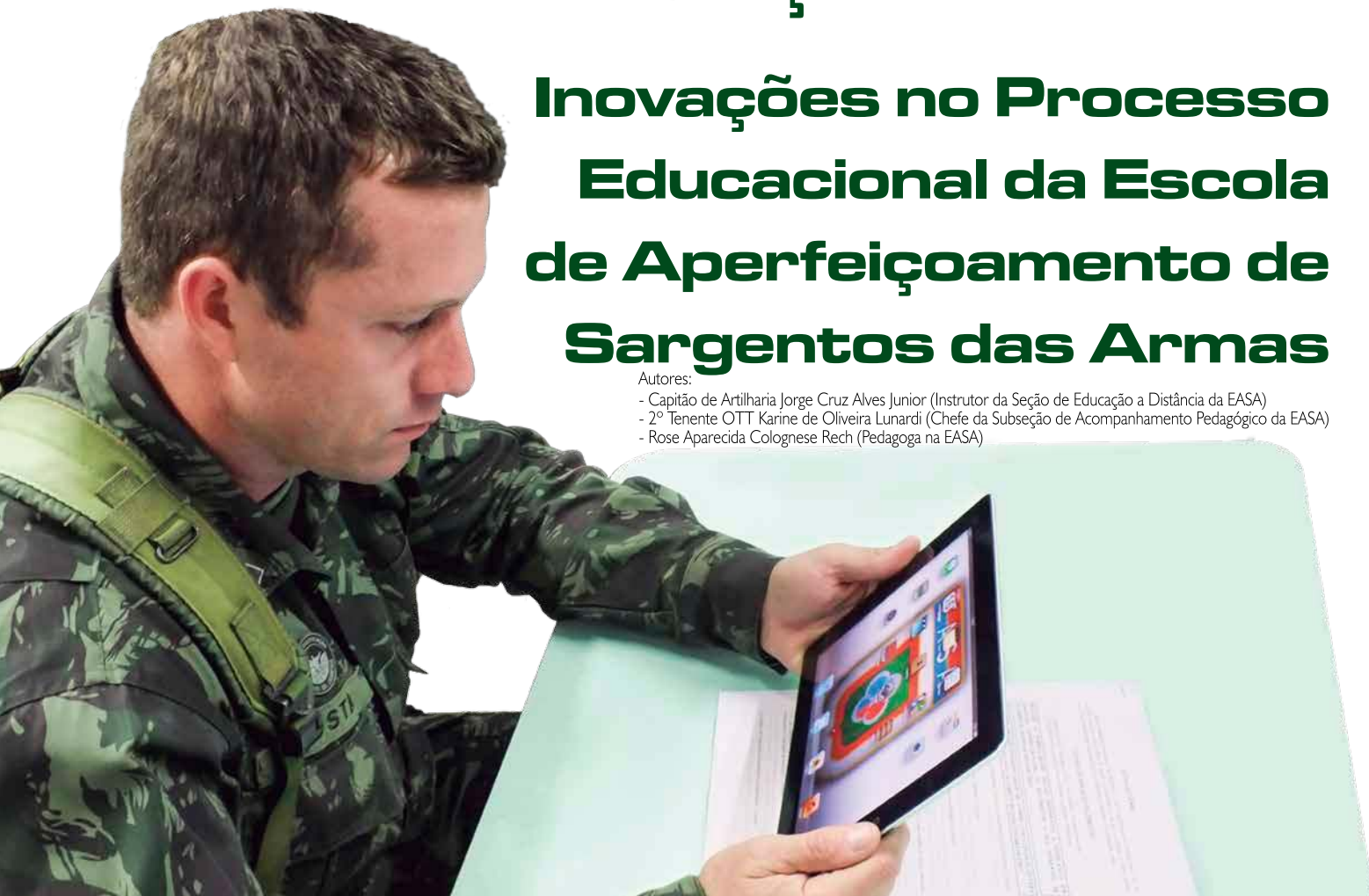
Pode-se, por fim, dizer que, apesar de sua curta trajetória, as boas lembranças do árduo trabalho e das inúmeras missões cumpridas pela Sentinela do Comando Militar da Amazônia estarão sempre presentes nos corações das centenas de granadeiros que compuseram essa grande família, nesses mais de 20 anos de profícua história. 🇧🇷

AS NOVAS TECNOLOGIAS E A EDUCAÇÃO MILITAR:

Inovações no Processo Educativo da Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas

Autores:

- Capitão de Artilharia Jorge Cruz Alves Junior (Instrutor da Seção de Educação a Distância da EASA)
- 2º Tenente OTT Karine de Oliveira Lunardi (Chefe da Subseção de Acompanhamento Pedagógico da EASA)
- Rose Aparecida Colognese Rech (Pedagoga na EASA)



O artigo busca trazer contribuições para pensar o processo educacional, fazendo aproximações entre as práticas pedagógicas existentes na Escola de Aperfeiçoamento das Armas, aliadas ao uso das tecnologias, como forma de dinamizar as instruções do Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos. O uso das tecnologias móveis em sala de aula, a inovação nas instruções e a interação no ambiente virtual de aprendizagem em apoio ao ensino presencial são as temáticas suscitadas na discussão apresentada pelos autores.

Introdução

A educação se inicia desde o momento em que o ser humano nasce e é inserido na sociedade, onde se dá o desenvolvimento de qualidades humanas, englobando valores, aspectos sociais e culturais. A educação é constituída por processos inter e intrapessoais que geram as transformações do ser humano à medida que ele se desenvolve e atua na sociedade em que vive. Dentro desse contexto, apontamos o desenvolvimento social aliado ao aumento de recursos tecnológicos, tanto em equipamentos quanto no acesso às informações globais.

O grande crescimento tecnológico apresenta uma nova

forma de pensar, agir e interagir, que conduz a educação a um novo futuro. A era digital permite a utilização de aparelhos móveis, **tablets**, **smartphones**, com acesso a **internet**, nos quais se tem o rápido e ilimitado acesso às informações. A facilidade das comunicações por meio das redes sociais contribui para a democratização do conhecimento.

Nas escolas, de uma forma geral, a tecnologia está modificando, cada vez mais, os espaços e contextos das práticas pedagógicas, onde o meio escolar deixa de ser o único local que favoreça a aprendizagem. A escola deixa de ser um ponto de encontro, o local do conhecimento, e passa a ter uma conotação diferente; de certa forma, um complemento e não mais o meio físico essencial para o encontro de saberes e valores.

Diante disso, verifica-se que há uma enorme necessidade de adaptação às mídias e novas tecnologias. As instituições educacionais e professores são desafiados a retirar o máximo proveito desses novos recursos. A escola deve criar meios que estimulem e instiguem a produção do conhecimento nessa nova dimensão.

Desta forma, a Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas (EASA) está inserida neste contexto de transformação, buscando acompanhar as mudanças do mundo contemporâneo, trazendo para o ensino, tecnologias que inovam as práticas pedagógicas.

A EASA foi criada em 10 de julho de 1992, com o nome de Centro de Instrução de Aperfeiçoamento de Sargentos – Sul, subordinada ao Comando Militar do Sul, no aquartelamento do 17º Batalhão de Infantaria, com início das atividades de ensino em 1º de fevereiro de 1993. A sua missão é aperfeiçoar os Sargentos das Armas do Exército Brasileiro (EB). Para isso, ministra o Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos (CAS) das Armas de Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia e Comunicações.

O curso é dividido em duas fases. A 1ª fase tem duração de 30 semanas, ministrada na modalidade de ensino a distância (EAD), sendo realizada na organização militar do aluno. A 2ª fase é executada na modalidade presencial, neste estabelecimento de ensino, com duração de 11 semanas. Durante o ano, a EASA recebe sargentos de todas as regiões do Brasil e, no 3º turno, também recebe sargentos alunos de Nações Amigas.

O aperfeiçoamento é realizado, aproximadamente, após 10 anos da formação, quando o militar já possui experiência e vivência na sua profissão. Durante o curso, os sargentos-alunos atualizam e ampliam conhecimentos obtidos, necessários para o desempenho de funções de maior complexidade, tais como as de Adjunto e Auxiliar de Estado-Maior em todos os níveis, para as quais se encontram habilitados os 1º sargentos e subtenentes.

A EASA visa constituir-se em um centro de referência na Educação Militar, por isso necessita buscar, constantemente, o aperfeiçoamento dos seus processos, por meio da modernização de suas ferramentas e da capacitação dos recursos humanos.

Em seu caminho para o futuro, tornou-se pioneira na utilização de dispositivos móveis, dentre as escolas do EB. Com isso, trouxe o que há de mais moderno em prol do Ensino Militar, mesclando um aprendizado **offline**, em sala de aula ou no terreno, com aprendizado **online**, através do acesso de rede e a **internet**, utilizando plataformas virtuais capazes de permitir a interação entre os participantes do processo. Cabe destacar, também, o acesso às informações globalizadas, com a facilidade no uso dessas ferramentas em diferentes ambientes, abrindo um mundo de possibilidades na busca do saber.

O Processo Educacional Aliado a Tecnologia na EASA

No ano de 2012, a EASA, dando continuidade ao processo de transformação do ensino no EB e apoiada pelo Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX), deu início à implementação das mudanças necessárias para a implantação do Projeto **Tablet** em sala de aula.

A implantação teve como finalidade a reestruturação e a modernização das técnicas e as novas configurações do material didático, transformando todo o conteúdo impresso em apostilas interativas. Com isso, a Escola repensou sua forma de ensinar, colocando o instrutor como mediador do processo educacional. Além do seu material interativo, o aluno tem a disponibilidade, por meio do **tablet**, do acesso à **internet**, permitindo-lhe uma gama de conhecimentos e diversas fontes de pesquisa, além da facilidade de confeccionar trabalhos e desenvolver projetos em grupo ou individualmente.

O Projeto **Tablet** visa à criação de apostilas digitais, apresentações mais interativas e dinâmicas, bem como à criação de um ambiente de aprendizado que favorece a troca constante de conhecimentos e informações, permitindo ao aluno participar ativamente do processo de construção da aprendizagem.



Cada instrutor possui um **tablet** e cada Seção de Ensino um computador de mesa para produção e desenvolvimento de testes do conteúdo criado. Nestes computadores estão disponibilizados aplicativos e ferramentas educacionais para montagem de diversos tipos de conteúdo.

A estrutura das salas de aula também necessitou de novos equipamentos. Foram equipadas com projetores HDMI de alta definição e dispositivos de acesso remoto para conexão sem fio com os **tablets**. Esses equipamentos permitem que o instrutor possa ministrar sua aula com maior mobilidade e interação, pois não necessita de conexão física com o equipamento de projeção.



Os discentes recebem um **tablet** cautelado no início do turno, que será entregue no final do curso, contendo todo o material necessário para sua realização, tais como: documentos, apostilas, vídeos, aplicativos educacionais e simuladores. De posse dessa ferramenta, o aluno pode visualizar o conteúdo disponibilizado, efetuar anotações, interagir nas aulas, resolver exercícios, buscar informações na **internet**, dentre outras aplicações durante o curso.

Para a realização do projeto, fez-se necessário o estabelecimento de algumas etapas, como a escolha do material empregado, a capacitação dos instrutores e a implementação do uso na fase presencial do CAS.

A escolha do material foi realizada por meio de um estudo que procurou a qualidade dos equipamentos, a disponibilidade de aplicativos voltados para a área de educação, além de um aplicativo específico que permite ao instrutor criar apostilas interativas sem o auxílio de um profissional da área de Tecnologia da Informação (TI).

A capacitação dos gestores e instrutores teve início com a contratação de uma empresa especializada em treinamento para utilização das tecnologias móveis em sala de aula que, durante os Estágios de Atualização Pedagógica, ministrou palestras, orientou a exploração das ferramentas e aplicou exercícios que possibilitaram ao instrutor ter uma base para início da utilização do **tablet** em sala de aula. No decorrer do treinamento, os agentes são acompanhados pela Equipe Pedagógica que observa as instruções e, quando necessário, propõe melhorias nas técnicas de ensino e nos aplicativos. Também contam com o suporte técnico da equipe de especialização em dispositivos móveis da EASA.

Novas Possibilidades Educacionais: O Moodle no Sistema Presencial

A EASA encontra-se em uma nova perspectiva, conhecida atualmente como “Ensino Híbrido – Escola Híbrida”. Este termo, utilizado sob uma nova forma, cultura ou tendência do processo educacional, é, de certo modo, a combinação do ensino presencial com a instrução no Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA. Dessa forma, a EASA pode ser considerada como um estabelecimento de ensino militar desta modalidade, pois possui um espaço físico de ensino presencial frequentado pelos alunos, que utilizam o **tablet** nas suas atividades de instrução, associado à utilização do AVA (**Moodle**) para complementar e enriquecer seus estudos.

O Governo Federal, há algum tempo, vem incentivando a utilização de **software** livre dentro de suas instituições. O EB, a par dessa diretriz da administração direta do País, segue essas orientações e já emprega esta ferramenta em diversos setores. No ensino militar, o EAD utiliza uma plataforma denominada AVA, baseado no **software** livre conhecido como **Moodle**.

Moodle é a abreviação de “**Modular Object Oriented Dynamic Learning Environment**” (ambiente modular de aprendizagem dinâmica orientada a objetos), uma plataforma projetada para proporcionar a educadores e alunos um sistema de gestão de aprendizagem seguro, reforçado e integrado, possibilitando que tais ambientes sejam personalizados de acordo com as necessidades de cada instituição.

Moodle é construído pelo projeto **Moodle** que é liderado e coordenado pela **Moodle HQ(Moodle Pty Ltd)**, uma empresa australiana de 30 desenvolvedores que é financeiramente apoiada por uma rede de 60 empresas de serviços **Moodle Partner** em todo o mundo.

Utilizar o **software** livre **Moodle** não significa uma ausência de gastos para a instituição, pois existe a necessidade da disponibilidade de pessoal habilitado, de material atualizado e, ainda, de recursos para administração e manutenção de todo sistema.

O EB, a cerca de uma década, por intermédio do DECEX, utiliza a plataforma do **Moodle** no Portal da Educação. O DECEX tem como uma de suas missões a pesquisa, a educação e a capacitação de recursos humanos. Utiliza a plataforma para proporcionar uma educação continuada, oferecendo diversos cursos de graduação, pós-graduação e treinamentos à família militar e sociedade em geral.

Com a ideia da implementação da educação híbrida na EASA, a escola optou pela utilização do **Moodle**, pelos diversos aspectos positivos supracitados, podendo, ainda,

ser considerado que a adoção do **software** livre lhe permite autonomia para a criação, para o uso, a modificação e distribuição do ambiente, dentre outros aspectos. Outro motivo que muito contribuiu, foi o fato de a plataforma ser conhecida por todos os atores componentes do processo ensino-aprendizagem, considerando que os alunos já utilizaram a plataforma por meio do Portal do Ensino, na 1ª fase do CAS – EAD, e os instrutores, em sua quase totalidade, já realizaram algum curso a distância, o que facilita o manuseio dessa importante ferramenta.

Atualmente, o **Moodle** está sendo utilizado na fase presencial, visando facilitar o acesso às disciplinas para incentivar o autoaperfeiçoamento do aluno, além da possibilidade do aprendizado contínuo na capacitação e no aperfeiçoamento profissional.

O AVA, utilizado como complemento no processo ensino-aprendizagem presencial, possibilita aos alunos e instrutores uma maior flexibilidade, pois, mesmo após o período normal de aulas, há possibilidade de prosseguir no estudo das questões verificadas em sala, manter os debates, e explorar novas ideias ou novos temas, o que permite e incentiva a participação de todos, democratizando o espaço sem a preocupação com o tempo e a carga horária a serem cumpridos em sala de aula. É importante destacar que, mesmo antes das aulas, os instrutores disponibilizam os conteúdos a serem ministrados, permitindo que o aluno faça um estudo prévio da disciplina e chegue à sala de aula com uma pré-construção do conhecimento, no que se refere à disciplina ministrada e, assim, consiga tirar melhor proveito do seu tempo.

A disponibilização do conteúdo no AVA permite que o aluno apresente alguns questionamentos antes de a matéria ser ministrada, possibilitando ao instrutor, caso ache apropriado, a abertura de discussões no AVA, trazendo para a sala de aula, apenas as dúvidas e aspectos mais importantes.

A plataforma também permite ao instrutor a utilização de diferentes ferramentas e de um conteúdo diversificado, que dão suporte ao processo de educação continuada. Abaixo são apresentados alguns conteúdos que podem ser disponibilizados no Ambiente Virtual de Aprendizagem:

- páginas simples de texto e em HTML;
- arquivos em qualquer formato (PDF, DOC, PPT, Flash, áudio, vídeo, etc.) ou a **links** externos (URLs);
- diretórios (pastas de arquivos no servidor);
- lições interativas; e
- livros eletrônicos.

Além desses conteúdos, existe a possibilidade da utilização de outras ferramentas como o **chat** e fórum de discussão, o que favorece a interação entre o instrutor e os alunos e a realização de exercícios.

Considerações Finais

O presente artigo abordou o uso das tecnologias educacionais no CAS da EASA. A pretensão não é de explorar toda a gama de conhecimento que o assunto permite; apenas suscitar algumas possibilidades de avanço educacional aliado ao uso das tecnologias disponíveis e apresentar o projeto que a escola vem desenvolvendo acerca desse assunto.



O esquema mental abaixo contribui para uma melhor visualização dos sistemas e processos ensino-aprendizagem, os quais integrados permitem que a escola avance no campo da inovação pedagógica, aliada às novas Tecnologias.



O uso das tecnologias móveis e também do Ambiente Virtual de Aprendizagem como modo de enriquecer e facilitar o processo educacional permite que a EASA experimente e vivencie as mais variadas formas de construção do conhecimento, o que condiz com a era da informação que estamos vivendo. 🍃

AS NOVAS AERONAVES HM-4 CARACAL (EC 725)



De acordo com o Ministério da Defesa, a recente aquisição, junto à fabricante francesa **Airbus Helicopter**, de um pacote de 50 novas aeronaves EC 725 Caracal não é uma simples aquisição de material; pois, de acordo com a Estratégia Nacional de Defesa, que amparou esta aquisição, é obrigatória a transferência de tecnologia para o Brasil. Tal procedimento permitirá a montagem e a venda das aeronaves para toda América do Sul a partir da Helibrás, com sede em Itajubá (MG), representante brasileira da **Airbus Helicopter**. No dia 20 de dezembro de 2010, foram entregues as três primeiras aeronaves ao Brasil, sendo uma para a Marinha do Brasil (MB), uma para o EB e outra para a Força Aérea Brasileira (FAB).

O EB, à semelhança da MB e da FAB, receberá 16 aeronaves, além de outras duas para uso exclusivo da Presidência da República. O cronograma prevê a entrega das últimas unidades em 2016. Até abril de 2014, a Aviação do Exército recebeu quatro aeronaves.

Segundo o ex-Ministro da Defesa **Nelson Jobim**, os equipamentos entregues, em 20 de dezembro de 2010, são os únicos produzidos na França. Os próximos lotes serão construídos integralmente na fábrica da Helibrás. O projeto é resultado da parceria estratégica assinada em dezembro de 2008 pelos então presidentes do Brasil e da França. O programa prevê transferência de tecnologia e aumento progressivo de conteúdo nacional até um mínimo de 50%, com benefício às diversas empresas brasileiras que se tornarão fornecedoras. A compra dos helicópteros é uma das primeiras consequências da Estratégia Nacional de Defesa (END). A partir do momento em que as discussões internas da estratégia apontavam para a necessidade de aumento da capacitação nacional em defesa e de coordenação do Ministério

nos projetos estratégicos das Forças Armadas, providências nesse sentido passaram a ser tomadas, antes mesmo da publicação do decreto que instituiu a END, que ocorreu em dezembro de 2008.

Características do HM-4 (EC 725)

Segundo o Comando de Aviação do Exército (CAvEx), o helicóptero EC 725 fabricado pela Empresa **Eurocopter** é o novo integrante da frota da Aviação do Exército (AvEx) e foi batizado HM-4 Caracal. É um helicóptero biturbina médio, da classe de 11 toneladas, com **performance** garantida pela já experiente família **Super Puma/Cougar**. Permite o transporte de até 29 combatentes equipados e dois pilotos. Na AvEx, à semelhança do HM-3 **Cougar**, o HM-4 será tripulado por dois pilotos e dois mecânicos de voo; sendo possível então o transporte de até 27 combatentes armados e equipados. O helicóptero tem capacidade de carregar, também, carga de combustível de 2.268 kg, o que garante uma autonomia de voo de até cinco horas.

O Caracal foi desenvolvido com alta tecnologia, incluindo projeto modular dos conjuntos mecânicos e emprego de material composto de alta resistência como fibra de carbono. A aeronave conta com painéis de **Liquid Crystal Display (LCD)** – multifunções adaptados para missões com a utilização de óculos de visão noturna; possui dois motores **Makila 2A**, que permitem potência suficiente e segurança, graças a uma total redundância com duplo canal no sistema **FADEC – Full Authority Digital Engine Control**, que permite à aeronave um controle digital de combustível, inclusive com partida automática. O HM-4 está apto para cumprir todas as missões de transporte logístico, exfiltração e infiltração aéreas de tropa em área de difícil acesso para aeronaves



Desenvolvida com alta tecnologia e adquirida junto à indústria militar francesa, a Aeronave HM-4 CARACAL (EC 725), estará cumprindo missões nas Forças Armadas brasileiras nos próximos anos. Mediante transferência de tecnologia, no Brasil, a Helibrás é a empresa responsável pela construção integral destas aeronaves e comercialização com outros países.



de asa fixa. Pode, também, cumprir missões de busca e resgate; operações especiais; evacuação aeromédica; missões cívico-sociais, de integração nacional, de misericórdia e humanitárias.

O Caracal possui cabine **Glass Cockpit**, uma tecnologia de última geração na qual a cabine de comando da aeronave possui vários **displays** de instrumentos eletrônicos com telas de **LCD**. Um painel de comando tradicional, como os que equipam as outras aeronaves da AvEx, depende de inúmeros instrumentos

analógicos para exibir as informações do voo e da aeronave. A cabine **Glass Cockpit** usa vários monitores digitais, impulsionados pelos sistemas de gestão de voo, que podem ser ajustados para exibir informações de voo, conforme seja necessário. Com isso, fica simplificada a operação das aeronaves e da navegação, o que permite aos pilotos focarem nas telas de **LCD** apenas as informações mais importantes para determinada fase do voo.





Características da Aeronave HM-4 CARACAL

Dimensões	
Comprimento	19,50m
Largura	3,95m
Altura	4,97m
Diam. Rotor Principal	16,20m
Dados Operacionais	
Combustível utilizado	Querosene de Aviação (QAv-1)
Pás do Rotor Principal	5
Peso Vazio	5300 kg
Peso Máximo de decolagem	11000 kg
Peso Máximo de decolagem com carga externa	11200 kg
Capacidade de carga	5700 kg
Autonomia sem tanque Aux /com tanque Aux	3h30min 6h30min
Alcance	857 km
Velocidade Máxima	324 km/h
Velocidade de Cruzeiro	262 km/h
Carga no Gancho	4750 kg
Carga no Guincho	272 kg
Transporte de tropa com Equip.sem tanque Aux	27

Possibilidades e Limitações do HM-4 Caracal

Para o emprego desta aeronave, é necessário o pleno conhecimento de suas características, possibilidades e limitações. Com seu peso máximo de decolagem na casa das 11 toneladas, ou seja, duas toneladas a mais que o HM-2 *Black Hawk* e o HM-3 *Cougar*, o Caracal se torna um elemento facilitador do planejamento e da execução das operações militares.

De acordo com a *Airbus Helicopter* (2010), o HM-4 é aprovado para voar em qualquer parte do mundo durante o dia ou à noite, em condições de voo visual ou sob condições de voo por instrumentos, nas quais a visibilidade é baixa ou nula. Foi desenvolvido para operações de busca e salvamento, transporte de tropas, transporte de cargas internas ou externas, evacuação aeromédica, voo de traslado, além das missões que requerem a utilização de armamento.





São proibidos, segundo a fabricante **Airbus Helicopter**, o voo para a retaguarda, de forma que os gases de exaustão entrem na cabine; pouso corrido em solo macio; penetração intencional em nuvens com grande desenvolvimento vertical (excesso de turbulências); o pouso em autorrotação¹ completa intencional; o voo monomotor intencional fora de treinamento; a transferência de combustível entre tanques durante pouso e a decolagem e o voo sob condições de gelo conhecidas.

Conclusão

O EC 725 encontra-se em fase de implantação no 1º Batalhão de Aviação do Exército (1ºBAvEx) e já está sendo utilizado nas atividades operacionais em que a Aviação do Exército é empregada. Durante a Copa do Mundo da FIFA 2014, o HM-4 teve plena participação nas operações, inclusive foi empregado na preparação da Brigada de Operações Especiais, em Goiânia.

OBSERVAÇÕES:

- a fábrica de Helicópteros **Eurocopter** foi recentemente adquirida pela Airbus e tornou-se a **Airbus Helicopter**;
- a aeronave EC 725 foi denominada de CARACAL pela fabricante. Na AvEx, foi batizada de Jaguar;
- até junho de 2014, a AvEx recebeu quatro aeronaves HM-4. A única organização militar da AvEx que recebeu este modelo é o 1º BAvEx. 🛩

1— Autorrotação é uma manobra de emergência na qual os pilotos realizam o pouso com os motores apagados, ou simplesmente “desengrazados” (como se estivesse em marcha neutra.)

FORTE DE COIMBRA

UMA FORTALEZA

Assentado à margem direita do Rio Paraguai, o Forte de Coimbra – uma Fortaleza no Pantanal – surge exuberante e depositário de uma história onde foram dadas mostras do valor do povo brasileiro, numa conjugação de esforços entre militares e civis, em defesa da Pátria e da configuração de nossas fronteiras.

O Ambiente Pantaneiro

O nome Pantanal traz à mente da maioria das pessoas a ideia de um pântano, um charco permanentemente alagado. Longe disto, o Pantanal é uma extensa planície, cortada por inúmeros rios, a qual alterna, desde longínquas eras geológicas, períodos de cheias e secas. As artérias de água doce – rios, córregos e vazantes – convergem para o principal rio, o velho Paraguai. Caudaloso, profundo, sem obstáculos e com mínimo declive, ele é a hidrovia ideal a cortar o oeste brasileiro.

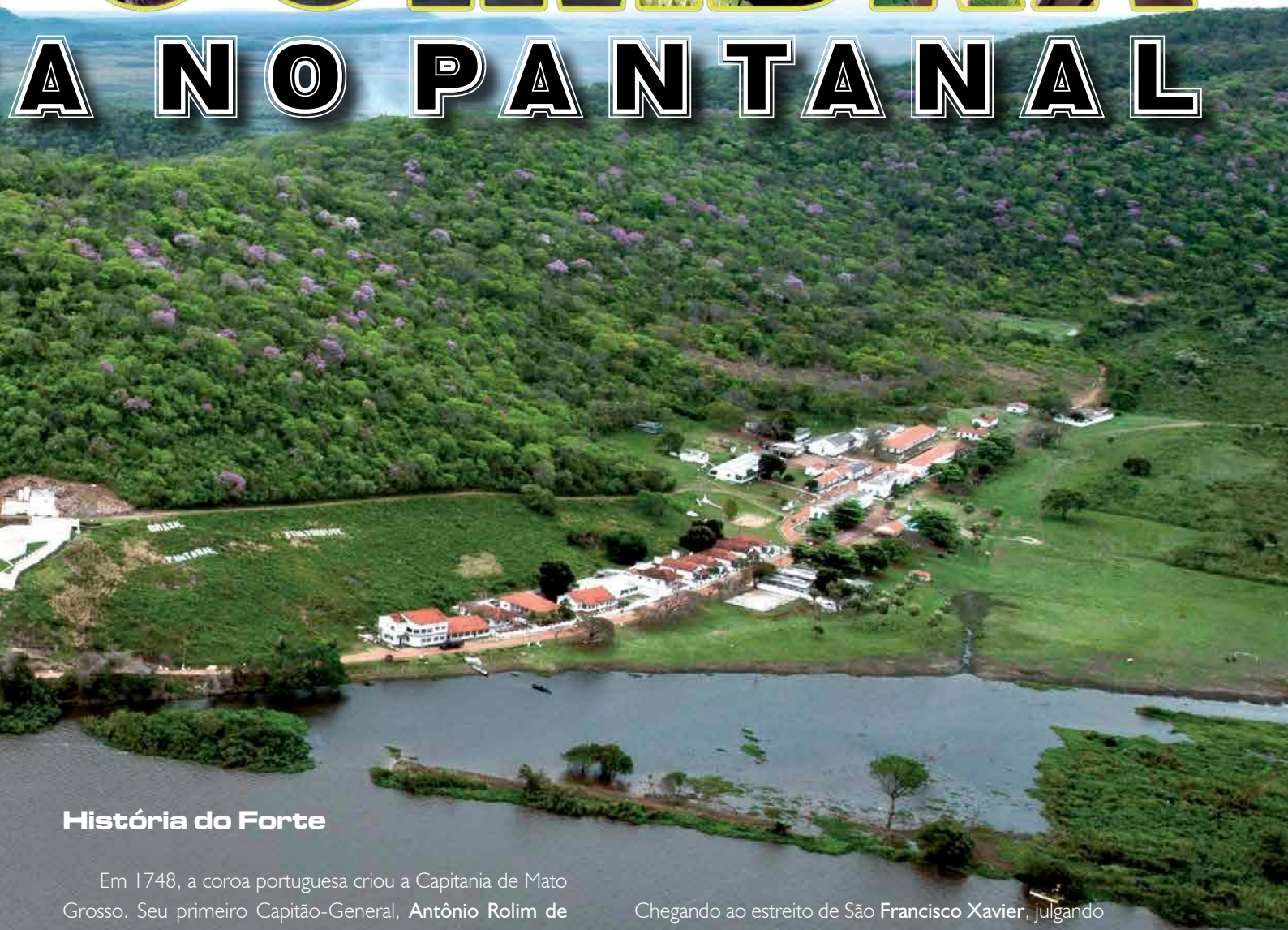
Savana aberta, entremeada de capões de mato alto, o Pantanal é o paraíso da fauna. Assim, a vegetação mais aberta e o elevado número de espécies fazem com que o contato do visitante com animais de diversos portes ocorra com mais frequência no Pantanal do que em outros biomas. Sobre as águas, as flores roxas do aguapé, ou camalote, são a marca dos rios pantaneiros. Também ocorrem extensas áreas cobertas com a palmeira carandá, de mil utilidades para o homem pantaneiro. Caboclos experientes sabem extrair da flora o abrigo, o alimento e a medicação.

A extensa planície sedimentar é quebrada aqui e ali por elevações. Poucas de arenito, como o sítio ferrífero do Urucum; a maioria de calcário, como o morro que recebe o Forte de Coimbra. Mais comuns, existem elevações e platôs que se elevam cinco a vinte metros de altura apenas, mas que recebem do habitante local o pomposo nome de cordilheiras. Nas cheias, é o refúgio do homem, do gado e da fauna silvestre.

Assim, as brancas paredes do Forte de Coimbra são emolduradas pelo verde intenso de uma natureza luxuriante e quase intocada. Sua inspiradora história foi testemunhada por terra, águas, ar, fauna e flora do Pantanal. São, desde sempre, elementos que recebem e moldam o militar que vem guarnecer o Forte, que encantam os visitantes, auxiliam quem os conhece e tornam-se obstáculos ao intruso.



A NO PANTANAL



História do Forte

Em 1748, a coroa portuguesa criou a Capitania de Mato Grosso. Seu primeiro Capitão-General, **Antônio Rolim de Moura**, fundou, em 1752, a cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, que passou a ser capital da Capitania.

Os três primeiros governadores da Capitania voltaram-se para a consolidação das terras portuguesas na região do rio **Guaporé**. O quarto governador, D. **Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres** (1772-1789), voltou-se para a região meridional e, desacatando o Tratado de Madri, avançou sobre a margem direita do Paraguai, que, pelo Tratado, era território espanhol. Para tanto, em 1775, enviou o Capitão **Matias Ribeiro da Costa**, com uma tropa de 245 homens em 15 canoas, para fundar um forte no Fecho dos Morros, considerado o ponto mais estratégico para fazer frente à subida dos espanhóis de Assunção.

Chegando ao estreito de São **Francisco Xavier**, julgando ser aquele o ponto procurado, desembarcou Matias a tropa e aí fundou o forte, que pouco depois recebeu o nome de Forte de Coimbra, a Nova. Convém ressaltar que Fecho dos Morros ficava pouco mais de 40 léguas abaixo do estreito São **Francisco Xavier**. Dois anos depois da fundação, os ranchos do Forte (levantados com troncos e cobertos com folhas de carandá, palmeira abundante na região) foram destruídos por um incêndio e depois reconstruídos.

Em 1797, **Ricardo Franco**, enviado para comandar o Forte, providenciou sua construção em pedra e cal. Passando por fases de prioridades e abandonos, após mais de dois séculos, o Forte de Coimbra, por sua importância histórica e de seus heróis, foi tombado pelo patrimônio nacional.

Os Antigos Habitantes

Os guaicurus, índios nômades, viviam por um extenso território, o qual figura nos mapas do século XVIII, na margem esquerda do rio Paraguai, como “**certão dos Aycurus ou Cavalleiros**”, cavaleiros porque andavam a cavalo.

Quando iniciaram a conquista das terras da bacia do Prata, os espanhóis encontraram os guaicurus estabelecidos no chaco paraguaio, de onde faziam incursões pelo rio Paraguai, aliados (até 1768) aos índios paiaguás. Em 1778, os guaicurus chegaram-se ao presídio de Coimbra para comerciar com soldados. Oferecem-lhes suas mulheres e, aproveitando a distração, trucidaram 54 soldados.

Por volta de 1789, **Melo e Cáceres**, Governador da Capitania, enviou o Sargento-Mor Engenheiro **Joaquim José Ferreira** para comandar o Forte de Coimbra e promover a aproximação com os guaicurus. O empreendimento foi bem sucedido, a ponto de, em 30 de julho de 1791, os chefes indígenas assinarem com o governo da Capitania um tratado “de perpétua paz e amizade com os portugueses”.

Os guaicurus desapareceram do território hoje mato-grossense-do-sul na década de 1850, quando a peste das cadeiras dizimou sua cavallhada. Mesmo assim, uns poucos deles tiveram, ainda, apagada participação na Retirada da Laguna.



Índio Guaicuru montando guarda de acampamento na margem do rio Paraguai. (Em O Forte de Coimbra, de Raul Silveira de Melo, vol IV)

O Cerco Castelhana de 1801

Diferente dos outros fortes do Período Colonial, o Forte de Coimbra foi levado a disparar seus canhões em dois conflitos bélicos: o ataque castelhano de 1801, ainda no Período Colonial; e o ataque paraguaio de 1864, já no contexto da Guerra do Paraguai.



Artilharia pantaneira

Em setembro de 1801, Dom **Lázaro de Ribera y Spinosa**, acompanhado de 600 homens, quatro sumacas, 12 canhões e 30 a 40 canoas, investiu contra o Forte ainda inacabado. Seu comandante, o Coronel **Ricardo Franco de Almeida Serra**, sempre fiel aos valores da honra e do patriotismo, contando com uma centena de defensores – incluindo índios guaicurus e negros escravizados –, demonstrou alto valor, coragem e destemor diante de um inimigo muito superior em efetivo e recursos bélicos.

Diante do incitamento à rendição, **Ricardo Franco** respondeu que “a desigualdade de forças sempre foi um estímulo que animou os portugueses... repellar o inimigo, ou a sepultarem-se debaixo das ruínas do forte.” E, quando tudo levava a crer que o atacante fosse desembarcar tropas para sitiá-lo, o Comandante preferiu abandonar o combate, provavelmente devido às necessidades logísticas para numeroso volume de tropas, dando a vitória aos defensores portugueses.

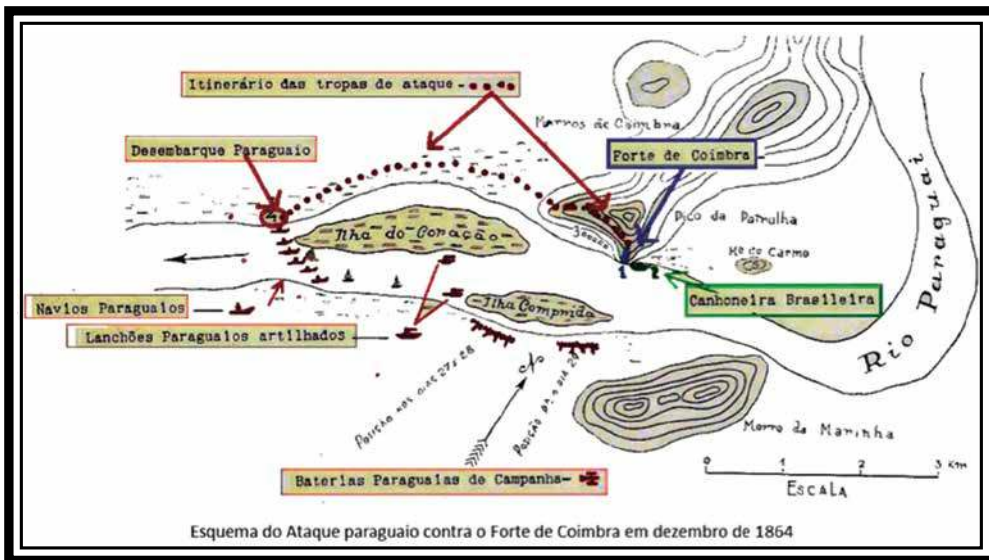
O Ataque Paraguaio de 1864

Depois de vários anos de disputas de interesses com seus vizinhos e após longo período de preparação militar, o Paraguai iniciou a guerra, no final de dezembro de 1864. Eram 6.000 soldados paraguaios invadindo o território do Brasil em duas frentes (uma terrestre e outra fluvial). O primeiro alvo da agressão foi o Forte de Coimbra.

Com dez navios de guerra, mais de 30 canhões de diversos calibres e cerca de 3.200 homens, o Comandante da frente invasora fluvial, Coronel **Vicente Barrios**, intima os ocupantes do Forte de Coimbra (cerca de 120 militares e alguns civis) que o entregassem sem resistência. Mesmo com uma força muito menor, respondeu o Tenente-Coronel **Hermenegildo Portocarrero**, que vistoriava Coimbra e assumira o comando da Guarnição em razão do ataque, que “somente pela sorte e honra das armas entregaria o Forte”.

Os paraguaios, então, iniciaram as investidas no intuito de tomar o Forte de Coimbra, ao que os brasileiros resistiram, por dois dias, frustrando os planos de **Barrios** de tomá-lo sem luta. Na tarde de 28 de dezembro de 1864, já quase sem munição, a defesa de Coimbra teria de ser feita a baioneta, fato que faria a superioridade paraguaia prevalecer. E é nesse momento que o músico **Verdeixas**, a

mando da esposa de **Portocarrero** – Dona **Ludovina Portocarrero** –, ergue a imagem de **Nossa Senhora do Carmo** e exclama: “Viva **Nossa Senhora do Carmo!**”. Mesmo com o barulho ensurdecedor da batalha, algo como um milagre acontece: em todos os pontos do avanço e da defesa, todos ouvem o brado de **Verdeixas**. E repetindo a mesma expressão, ambos os contendores, cada qual no seu idioma, baixam as armas e a batalha para por alguns momentos! Este fôlego deu chance de os combatentes brasileiros, reunidos em conselho de guerra, decidirem pela retirada por causa da munição que acabara. Os paraguaios ocuparam o Forte de Coimbra na manhã do dia 29 de dezembro e dele só saíram mais de dois anos depois.



O Forte e a Comunidade

Os primeiros moradores civis em Coimbra eram índios, ainda no Período Colonial. Após a instalação do Forte em 1775, os ataques dos nativos eram constantes. Entretanto, estes começaram a ser pacificados e a conviver com os portugueses. Os índios instalaram-se nas imediações do Forte, convivendo com o pessoal e auxiliando a Guarnição.



Após a Guerra do Paraguai, com a reconstrução do Forte, a presença civil foi intensificada, chegando pessoas para apoiar as atividades dos militares de Coimbra. O comandante dava um local e eles faziam a casa. Na década de 1930, os comandantes facilitaram mais ainda a instalação dos civis em Coimbra.

Dessa forma, ocorreu o desenvolvimento da comunidade coimbrense, juntando-se a ela, posteriormente, funcionários civis construtores das atuais instalações da 3ª Companhia de Fronteira e Forte de Coimbra, a Companhia Portocarrero.

As famílias dos moradores civis mais antigos, ex-militares ou não, lá construíram suas casas e transformaram o ambiente, evidenciando uma sensação de pertencimento ao lugar, pelo gosto e por sentirem-se parte dele.

Além dos moradores civis mais antigos e de ex-militares que serviram na Guarnição, residem em Coimbra famílias dos militares atuais. Está aí um fator de abnegação ao acompanharem o chefe da família, afastados dos centros urbanos, dos melhores recursos essenciais à vida e ao lazer para, juntos, marcarem presença nacional naquele lugar distante e isolado. Tanto nas saídas esporádicas com destino a outras localidades e cidades quanto nas saídas definitivas, essas pessoas funcionam como multiplicadores do construto cultural, histórico e religioso absorvido no local, mercê das construções simbólicas e da imaterialidade que do Forte emana.

A Religiosidade Local

A padroeira do Forte de Coimbra é **Nossa Senhora do Carmo**, desde sua fundação, ainda como palçada de madeira. A imagem da santa existente na Igreja da Vila de Coimbra é a original trazida por **Ricardo Franco**, em 1798, quando da assunção ao comando do Forte.

No episódio do ataque castelhano de 1801, no qual os invasores não chegaram a sitiar o Forte, preferindo retrair sem conquistar a fortaleza mesmo com absoluta superioridade de meios, a cultura local credita a obra à **Nossa Senhora do Carmo**, como o primeiro milagre histórico.

Posteriormente, por ocasião do ataque paraguaio, novamente a Guarnição do Forte conseguiu escapar ilesa, empreendendo a fuga para Corumbá, depois de obstinada resistência, fato este entendido como o segundo milagre histórico.

Tradicionalmente, a fé na padroeira atrai romarias por ocasião da festa da santa, comemorada em 16 de julho. Além disso, a imagem de **Nossa Senhora do Carmo** foi condecorada com uma Medalha de Ouro pelo Império Brasileiro e seu manto é ornado com estrelas ofertadas por generais.

Os valores históricos, militares e religiosos ligados ao Forte de Coimbra funcionam como grandes fatores de aglutinação social, devido às construções simbólicas oriundas do legado histórico cristalizado na memória coletiva e enraizado na cultura local. 🇧🇷



AS OBRAS DO AEROPORTO DE SÃO GONÇALO DO AMARANTE COMPLEXO AEROPORTUÁRIO DA GRANDE NATAL



Em conformidade com as rígidas especificações aeroportuárias, o Exército Brasileiro cumpriu a missão, objeto de Termo de Cooperação Técnica e Financeira firmado entre o Departamento de Engenharia e Construção e a Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária, ao levar a cabo as obras do Aeroporto de São Gonçalo do Amarante.

O 1º Grupamento de Engenharia (1º Gpt E) concluiu, em fevereiro de 2014, os trabalhos de construção das pistas de pouso, taxi e decolagem, do pátio de estacionamento de aeronaves e da pista de acesso a veículos dentro dos limites do Complexo Aeroportuário da Grande Natal, localizado no município de São Gonçalo do Amarante (RN).

A finalização dos trabalhos no local marca o encerramento da participação do Exército Brasileiro (EB) na missão, objeto de Termo de Cooperação Técnica e Financeira celebrado entre o Departamento de Engenharia e Construção (DEC) e a Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (INFRAERO).

As obras foram executadas pelo 1º Batalhão de Engenharia de Construção (1º BEC), que, ao longo do período

de execução, recebeu reforços do 2º e 3º Batalhões de Engenharia de Construção e do 7º Batalhão de Engenharia de Combate, Organizações Militares Diretamente Subordinadas ao 1º Gpt E.

A construção do Aeroporto Internacional da Grande Natal é considerada uma relevante obra para o desenvolvimento da Região Nordeste e sua integração com as demais regiões do País, servindo de escoamento de produtos regionais e agregando valores ao grande potencial turístico de todos os estados do Nordeste. A possibilidade de ampliação do tráfego local, a partir do pouso de grandes aeronaves comerciais, tais como MD 11, 747-400 e A380, beneficiará a população potiguar através da geração de novos empregos, com o fomento do turismo nacional e internacional.

Histórico da Obra

A obra do aeroporto de São Gonçalo do Amarante foi executada por meio de sucessivos convênios firmados entre a INFRAERO e o EB, por intermédio do DEC.

A missão do 1º Gpt E teve início em junho de 2004, com o objetivo de construir as pistas de pouso e de táxi, prover infraestrutura de balizamento e proteção ao voo, sistema de drenagem, pátio de estacionamento de aeronaves e do acesso terrestre dentro do sítio aeroportuário.

Em fevereiro de 2009, foi celebrado novo Termo de Convênio para a execução dos serviços de terraplenagem das lagoas de captação do sistema de drenagem, bueiros e caixas de passagens, colocação de Concreto Betuminoso Usinado a Quente (CBUQ) da pista de pouso e decolagem e, ainda, realização da infraestrutura de balizamento nas travessias de pistas.

Durante os trabalhos, houve a necessidade de realizar algumas adequações nos Projetos de Engenharia. O exemplo mais contundente consistiu na troca da base de suporte do pavimento flexível, pista de pouso e decolagem, táxi e saídas rápidas e do pavimento rígido, pátio de aeronaves e terminal de carga.

Outra modificação feita no projeto básico foi na parte de drenagem, captação, encaminhamento e destinação das águas pluviais. Essa fase abrangeu a execução dos serviços de terraplenagem das lagoas de captação, do sistema de drenagem, inclusive bueiros e caixas de passagens, execução de CBUQ da pista de pouso e decolagem e execução da infraestrutura de balizamento nas travessias de pistas. O termo de convênio firmado, em outubro de 2009, abrangia a execução dos serviços de terraplanagem das pistas de taxiamento e do pátio de aeronaves, execução de canaletas do sistema de drenagem, CBUQ das pistas de taxiamento e de pouso, assim como a infraestrutura de balizamento nas bordas internas das pistas e obras complementares necessárias.

A ocorrência de chuvas de dezembro de 2009 a abril 2010 teve como consequência algumas paralisações na execução dos serviços, o que levou à prorrogação do prazo de execução das obras.



Em abril de 2011, o DEC e a INFRAERO firmaram novo termo de cooperação técnica e financeira, com objetivo de executar os serviços de terraplenagem da via lateral ao pátio e macrodrenagem, pavimentação CBUQ das pistas de táxi, pavimentação em concreto no pátio de estacionamento de aeronaves, execução da infraestrutura de balizamento e proteção ao voo nas áreas não pavimentadas, plantio de grama, execução e terraplenagem, drenagem e pavimentação no acesso principal.

Em 27 de novembro de 2011, houve o primeiro pouso de aeronave no Aeroporto de São Gonçalo do Amarante, em um teste para a aterrissagem do avião presidencial, que

Pouso da Aeronave Oficial Presidencial



Foto: Sd Reginaldo

Situação Física





Terraplanagem

Compactação CBUQ



Lançamento do concreto



Acabamento

Fotos: Sgt Givanildo e Sd Reginaldo

aconteceria no dia seguinte. Naquela segunda-feira, 28 de novembro, às 10:55 h, o avião trazendo a Presidente da República, **Dilma Rousseff**, em viagem de reconhecimento e visita às obras pousou com sucesso na pista do Aeroporto de São Gonçalo do Amarante.

Em novembro de 2012, foram iniciados os serviços de pavimento rígido no pátio de aeronaves, concluídos em outubro de 2013. Os trabalhos atinentes ao EB no Aeroporto de São Gonçalo do Amarante encerraram totalmente em 20 de fevereiro de 2014.

Principais Serviços Executados

O 1º Grupamento de Engenharia coordenou a execução de diversos serviços no Novo Complexo Aeroportuário da Grande Natal, tais como terraplenagem das lagoas de captação do sistema de drenagem, bueiros e caixas de passagem, colocação de base de brita graduada simples e concreto betuminoso usinado a quente nas pistas de pouso e decolagem, realização da infraestrutura de balizamento nas travessias de pistas e revestimento vegetal com grama, com destaque para a construção do pátio de aeronaves.



Escavação da Lagoa de Captação

Foto: Sd Reginaldo

Não obstante todas as fases das obras sob coordenação do 1º Gpt E demandarem atenção permanente, a execução da concretagem do pátio exigiu um minucioso planejamento técnico e um cuidado especial com os detalhes de projeto, visando obter o padrão de qualidade exigido pela INFRAERO, desde a seleção dos insumos, a definição do traço até a forma de efetivação.



Lançamento CBUQ

O pátio de aeronaves consiste em uma estrutura de concreto com 74 metros de largura, 1.146 metros de comprimento, espessura média de 36 centímetros com bordos espessados para 45 centímetros, dimensionada para estacionamento das maiores e mais pesadas aeronaves de passageiros e de carga em operação no momento.



Drenagem Bueiro Duplo Tubular

Foto: Sgt Givanildo

O processo de cura do concreto também demandou especial atenção, tendo em vista a localidade ser particularmente afetada por ventos e incidência de sol. Em função dessas características e para amenizar a influência do clima no processo, o serviço foi executado no período noturno.

O processo de produção de concreto envolveu uma usina dosadora com capacidade de 65 m³ por hora e transporte desse material em caminhões betoneira. O processo de execução do pátio envolveu o posicionamento de forma fixa e o emprego de equipamentos como acabadora de concreto, espargidora de cura química, escavadeira, vibradores de imersão e torres de iluminação, dentre outros.

O compromisso com a missão dos cerca de 600 militares envolvidos nas diversas fases da obra, desde o planejamento, execução propriamente dita e acompanhamento tecnológico, resultou na qualidade dos serviços atinentes ao EB no Aeroporto de São Gonçalo do Amarante, que segue todas as rígidas especificações das construções aeroportuárias.

Drenagem - Canaleta trapezoidal



Personagem da Nossa História

CORONEL JORGE TEIXEIRA DE OLIVEIRA

O Coronel **Jorge Teixeira de Oliveira** nasceu em 3 de julho de 1921, na cidade de General Câmara (RS).

Incorporado às fileiras do Exército em 1º de maio de 1942, cursou a Escola Preparatória de Cadetes (Fortaleza) e a Escola Militar de Resende (Resende/RJ), tendo sido declarado a Aspirante a Oficial de Artilharia em 1947.

Durante a sua carreira, foi Instrutor-Chefe do Curso de Artilharia da Escola de Sargentos das Armas (Três Corações/MG); oficial do Estado-Maior da Brigada de Infantaria Paraquedista (Rio de Janeiro); criador, organizador e comandante do Colégio Militar de Manaus. Exerceu, ainda, outros cargos e funções que lhe foram atribuídos, tendo recebido diversas condecorações militares.

Cursou o *Jungle Operations Training Center* (Exército dos EUA, **Fort Sherman**, Panamá), Curso de treinamento de Combate na Selva, sendo considerado *Jungle Expert*. Como major, foi o primeiro Comandante do Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS).

Cumpriu várias missões reais de proteção e manutenção da inviolabilidade do território nacional, principalmente nos Estados do Amazonas, do Pará e de Roraima. Em 5 de janeiro de 1969, quando era Comandante do CIGS, foi nomeado, pelo Comandante Militar da Amazônia (CMA) e da 8ª Região Militar (8ª RM), Comandante das tropas brasileiras em Roraima, nas localidades de Bonfim, Normandia, Surumu e Marco BV-8 para fazer face aos problemas advindos da revolução interna ocorrida em Rupununi, na República Cooperativa da Guiana. Exerceu, na plenitude, suas habilidades de chefia e liderança.

Contribuiu na implantação do brado de selva, cuja origem reside no fato de o CIGS não dispor de ficha de serviço de viatura em seus primeiros dias, o que levava a sentinela a perguntar o destino das viaturas que saíam do Quartel. Quase sempre recebia uma resposta apressada e lacônica – “selva” – como destino. A resposta curta, tão repetida, fez-se saudação espontânea e vibrante, alastrou-se, expandiu seu significado e ecoou por toda Amazônia, contagiando todos com o mesmo ideal.



Cooperou para a criação e a organização do Círculo Militar de Manaus, favorecendo, assim, a família verde-oliva, e estreitando os laços com a sociedade local.

Em 1975, foi nomeado Prefeito de Manaus pelo Presidente da República, **Ernesto Geisel**. Criou e implementou o Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Manaus, ampliou a Estrada da Ponta Negra e duplicou a Avenida **Djalma Batista**, possibilitando o crescimento da cidade e o melhor escoamento dos veículos.

Em 1979, foi nomeado Governador do Território Federal de Guaporé pelo Presidente da República **João Baptista de Oliveira Figueiredo**. Fruto do seu esforço, trabalho e dedicação, propiciou progresso e projeção ao povo daquela região. Em 1983, tomou posse do Governo do recém criado Estado de Rondônia, tendo sido, portanto, o seu primeiro Governador.

Por seus exemplos de amor à Pátria, recebeu muitas homenagens. O CMA batizou o seu campo de parada com o nome do Coronel **Jorge Teixeira**, visando a preservar a memória; os habitantes de Manaus o conhecem como “**Teixeirão**” e deram seu nome ao Mercado Público. A Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas outorgou-lhe o honroso título de Cidadão do Amazonas, uma prova de gratidão e admiração do povo amazonense. Em Rondônia, foi criado o Memorial Jorge Teixeira.

O Exército Brasileiro rendeu-lhe justa homenagem por meio da denominação histórica concedida ao Centro de Instrução Guerra na Selva, que se denomina Centro de Instrução de Guerra na Selva – Centro Coronel **Jorge Teixeira**”. “SELVA! ➡



Mídias Sociais



**Acesse as
mídias sociais
do Exército Brasileiro.**





PREPARAÇÃO

BASE DE
SELVA

INSTRUÇÃO

OS
OJIGS

O FACÇÃO

MISSÃO
CUMPRIDA!

BREVETAÇÃO

GUERRA NA SELVA